



UM COCHEIRO EM PARIS

Chirlei Wandekoken



PERIGOSAS

UM COCHEIRO EM PARIS

Chirlei Wandekoken

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Copyright © 2017 *by* Chirlei Wandekoken.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Revisão: Sônia Carvalho

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Capa: Jessica Gomes

Imagem: Shutterstock

Consultoria Rodovera/ Publicação digital www.rodovera.wix.com/consultoria

Reservados todos os direitos desta produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei nº 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA Caixa postal: 645 – AGF Fernando Ferrari – Vitória-ES. CEP: 29075-972.

www.pedrazuleditora.com.br

PERIGOSAS

O terceiro livro da série Quarteto do Norte.

NACIONAIS-ACHERON

[PRÓLOGO](#)

[A história de um simples cocheiro parisiense e uma dama](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[Lady Neville](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[O bastardo](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[Uma hóspede estrangeira](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[Um novo cocheiro](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[Uma aposta](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[De volta a Wilshire](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[O solar](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[Dúvidas do passado](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[Temporada de Londres](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[O duque de Belvoir](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[Uma visita ao Warrens](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

[ENCONTRE A AUTORA](#)

PRÓLOGO

A história de um simples cocheiro parisiense e uma dama

Paris, 1830.

Oliver Ashlie Stanhope, o duque de Belvoir, saltou pela janela da mansão de Juliette Drouet e caiu na escuridão da noite. Até mesmo para a cidade mais moderna da Europa aquela não era uma situação comum. A não ser que se tratasse de um incêndio. Não era o caso.

No meio da noite — e ainda por cima nu — Belvoir fazia bela figura. De cima de seus quase dois metros de altura, sua pele clara e seus cabelos loiro-escuros reluziam sob a luz da lua. Seus olhos de um azul-acinzentado estavam turvos de raiva de si mesmo.

Praguejava baixinho sua loucura em dormir com a mulher alheia. Mas Juliette o provocara durante toda a noite. E no que havia dado? Depois de terem se ‘conhecido’ sob os lençóis parisienses, cerca de uma hora antes, tivera de juntar suas roupas atabalhoadamente e arremessar-se no vão escuro da janela, pois os passos do próprio escritor na escada já eram audíveis no quarto da dama.

Andando às pressas vestiu-se parcialmente e alcançou sua carruagem. Mas o cocheiro tinha desaparecido. Não tinha alternativa a não ser conduzi-la ele mesmo. Se fosse pego seria um escândalo e ele estava cheio dos rumores. Não que aquele seu pecado recente fosse uma injúria. Daquilo ele era culpado. Mas que culpa tinha de ser filho de uma cortesã francesa e de um duque inglês?

Na margem direita do rio Sena, no *Quartiers du Châtelet*, esquina com as ruas *Rosiers* e *La Place Forte*, ele se deparou com uma carruagem que acabara de se envolver num grave acidente.

— Maldição! Mais essa, agora! — murmurou, enquanto jogava sua carruagem na direção da *rue La Place Forte*, pois a carruagem quebrada interceptava justamente a que ele tinha que passar. Os cavalos estavam agitados e pareceu-lhe que havia feridos.

Correu até lá. Seus cabelos desalinhados pelo sexo selvagem de pouco

antes, sua calça meio aberta e a camisa solta davam-lhe um ar de desleixo. Ajudou o ferido cocheiro a desamarrar e soltar os cavalos, pois estes estavam arrastando o veículo tombado, e depois a se sentar à margem da rua. Abaixou-se, então, para socorrer as vítimas. Ouviu duas mulheres, uma proferindo gritos histéricos e outra tentando acalmá-la.

– Já vão nos tirar daqui, tia. Acalme-se! Assim a senhora está assustando ainda mais os cavalos — disse a voz calma e consoladora.

– Para o inferno esses malditos animais. Têm que ser sacrificados. Como se atreveram a jogar a baronesa de Patchetts de cabeça para baixo? Aquele *maldito cocheiro* vai me pagar! — retrucou a histérica, aos gritos.

– Tenho absoluta certeza, tia, que o coitado não teve culpa alguma. Tente se acalmar, por favor.

– Acalmar? Eu sou a baronesa de Patchetts, exijo respeito...

Belvoir deu um passo para trás. *Céus! O que essa maldita baronesa está fazendo na França?*

– Por favor. Pode nos tirar daqui? — uma voz doce se sobressaiu à gritaria e aos insultos da baronesa. Ele não podia deixar de socorrer.

– Onde está o *maldito* cocheiro? — gritou a baronesa.

– Ele se feriu, madame. Quebrou a perna. Se ficar calma eu a tirarei logo daí — respondeu Belvoir, abaixando-se ao lado da portinhola.

– E quem é você? Outro cocheiro, certamente! Tire-me daqui, seu *bastardo* — ela protestou. A mulher não poderia ter escolhido uma palavra mais adequada se quisesse atingir Belvoir em cheio. Ele teve vontade de dizer quem era e colocar aquela ‘maldita’ dama no devido lugar.

– Sim, madame, sou um simples e *maldito cocheiro*. Se permanecer calma sairá em segurança. Tenho que buscar ajuda. Se eu virar a carruagem sozinho é possível que se machuquem. Estão em quantas pessoas aí?

– Duas pessoas, *monsieur*. Muito obrigada — respondeu lady Harriet Neville, a dona da voz que tanto impressionara Belvoir. Mas a baronesa prosseguiu gritando, dizendo que estava sufocando, que jamais voltaria a andar e muito menos colocar seus pés em Paris.

Enquanto procurava ajuda nos arredores da *La Place Forte*, Belvoir lamentava-se. *Com milhões de pessoas no mundo eu tinha logo que me deparar com a ordinária baronesa viúva de Patchetts?* E qualquer mal que pudesse lhe ocorrer, por que tinha de ser logo aquele, no pior momento possível? Encontrar a antiga vizinha do duque, seu pai, do Norte da Inglaterra! Logo a maior mexeriqueira do reino, que havia espalhado para

toda a sociedade o segredo de sua paternidade? Sim, ele pecara, saíra com a amante de outro homem, mas não era um pecado tão grande assim, pois o próprio escritor era um adúltero, tentava se justificar diante da Providência divina.

Filho bastardo de duque inglês com Justine Oldoini Rapallini Bienfait, ou simplesmente “condessa di Bienfait”, ele fora o escândalo da Inglaterra havia alguns anos. Tinha fugido para Paris para ter um pouco de paz. E agora ele teria que salvar exatamente a causadora de sua desgraça... Belvoir conjecturava. E se a deixasse de cabeça para baixo? Quanto tempo ela levaria para morrer sufocada por suas próprias papadas? Não podia fazer aquilo. A despeito de dormir com as amantes de outros homens, ele era honrado. E tinha a outra moça, a dona da voz suave. Ele avistou um coche e acenou. Logo, mais pessoas se juntaram a ele para virar a carruagem avariada. Para sua surpresa, a carruagem a serviço da baronesa era a do *Hôtel de Ville*, o mesmo hotel onde ele sempre ficava hospedado em Paris. Em meio aos brados da baronesa, ele se dirigiu à dama mais jovem: – Está machucada, *mademoiselle*? Segure em mim, vou carregá-la até a outra carruagem — disse.

Lady Neville colocou sua mão de leve no braço dele. Ele levantou-a e a carregou até sua carruagem. Ela estava com alguns arranhões no braço esquerdo e sua testa sangrava. Mas mesmo ferida, Harriet não deixou de notar que o seu salvador era muito atraente e corou.

– Está ferida? – Belvoir assustou-se quando viu o sangue. Imediatamente retirou sua camisa e levou-a suavemente ao rosto da jovem.

– Desculpe-me, *mademoiselle* — disse ele assim que percebeu que ela olhava assustada para seu peitoral nu. Porém, quando ele acompanhou o olhar da moça viu que suas calças estavam abertas e que ela tinha visto algo que a fez enrubescer até a raiz dos loiros cabelos.

– *Pardon, mademoiselle*, não foi intencional — ele desculpou-se.

– Tudo bem... — lady Neville conseguiu pronunciar. — Obrigada por ajudar-nos.

– Sabe como ocorreu o acidente? — ele perguntou.

– Não sei, *monsieur*. Senti só o solavanco e fomos jogadas no chão.

– Deve ter quebrado o eixo da roda — disse ele.

Nesse momento, a baronesa chegou auxiliada por outras pessoas, entrou na carruagem de Belvoir, e gritou: – Vamos logo com isso, rapaz. Para quem você trabalha? Como ousa ficar nu na frente de duas damas?

– Acalme-se, tia. Ele me deu a camisa para estancar meu ferimento, fez-me um favor...

– Sou o cocheiro do conde Filippo Raspail, madame, ao seu dispor – disse Belvoir.

– Espere aí, eu o conheço... – disse a baronesa. Belvoir sobressaltou-se. Havia anos não encontrava aquela víbora. Será que ela ainda o reconheceria?

– Não, não pode ser. É apenas parecido com ele... Também, aquele lá! Não duvido que tenha feito centenas de bastardos pelo mundo – resmungou a baronesa.

– O que disse, madame? – perguntou Belvoir.

– Nada, nada, nada de seu mundinho. Vamos logo, rapaz! Suba aí e nos leve para o *Hôtel de Ville*.

– E o cocheiro do hotel? – perguntou Belvoir olhando em volta à procura do homem ferido.

– Deixe-o morrer por aí! – ordenou a baronesa, com irritação.

– De forma alguma, madame. É meu colega de profissão e prestarei o devido socorro — Belvoir retrucou na hora. Foi até o homem sentado na margem da rua, pegou-o no colo e o colocou em outra carruagem que parara ali perto para também ajudar. Deu um dinheiro ao condutor, pediu-lhe que prestasse socorro e que depois o procurasse no *Hôtel de Ville* se houvesse outras despesas. Voltou, subiu no seu assento e rumou com as duas para o hotel.

CAPÍTULO 1

Lady Neville

“Nenhum mal condena-nos irremediavelmente, exceto o mal de amarmos, o desejo de continuar, e não fazer nenhum esforço para escapar.”^[1]

Dois meses depois, Londres, 1830.

Harriet Neville conversava calmamente com a irmã, Alyssa, sobre qual vestido esta deveria usar no baile de sua apresentação à sociedade quando o mordomo veio avisá-la da visita.

— Para mim?! Quem é?

— São duas visitas, na realidade, senhora. As condessas de Jersey e de Lieven.

Lady Neville sobressaltou-se. Aquelas duas não faziam visitas de cortesia. Alguma coisa tinha acontecido. Certamente, pretendiam malograr em cima de alguma desgraça ou esmiuçar para estragar a felicidade de alguém. A frase de Shakespeare de que a felicidade alheia fere profundamente uma alma torturada cabia profundamente àquelas duas. Mas não podia deixar de recebê-las. Ordenou ao mordomo que mandasse lhes servir alguma coisa, informando que não se demoraria. No entanto, deixou-as esperando cerca de quinze minutos, protelando o desconforto que intimamente pressentia.

— Querida lady Neville! Está ainda mais bela do que a última vez que a encontrei. Como foi sua viagem ao continente? — disse a condessa de Lieven.

Ela agradeceu e respondeu apenas que a viagem tinha sido boa. Perguntava-se qual delas iniciaria o ataque primeiro. Após amena conversa sobre os próximos eventos sociais de Londres, a condessa de Jersey abriu o jogo.

— Lady Neville, eu sinto muito. Ser trocada por uma estrangeira e ainda por cima sem nome e sem fortuna — disse, em tom condescendente.

— Trocada?!

As duas visitantes se entreolharam.

– Então a senhorita ainda não sabia? — a condessa estranhou. Ela e a amiga demonstravam estar visivelmente exultantes.

– Não faço ideia do que as senhoras falam.

– O conde de Northumberland, o seu lorde Edward, está noivo de uma estrangeira. O nome dela é miss Schumacher, Eliza, ou coisa assim. Quem me contou foi Mrs. Sanderson, a modista. O conde em pessoa esteve lá para encomendar um ‘vestido de noiva’ para ela. Deve ir a Prudhoe House hoje à noite, pois ele vai levá-la para apresentá-la ao duque. Eu soube disso porque o meu mordomo é irmão do mordomo da duquesa de Prudhoe e os nomes deles estão na lista. Não pode deixar de ir, sei que os Neville foram convidados. Posso passar e pegá-la, pois sei que lorde Neville está viajando... Uma pena, pois eu daria tudo para ver a cara de lorde Edward quando apresentasse a noiva para o tio barão.

Lady Neville continuou calada olhando para aquelas duas bisbilhoteiras. O que poderia dizer? Ela mal conhecia seu primo. As lembranças que tinha dele eram tão vagas quanto podem ser as lembranças de uma garota de oito anos. Sabia que estava prometida a ele, que se ele a reclamasse teria que dizer sim, mas sentiu-se aliviada em saber que, finalmente, estava livre. Seu pai certamente não ficaria feliz com aquela notícia, mas ela nada sentia a não ser alívio. Na última vez que vira lorde Edward, ele estava indo para a guerra, junto com o duque de Prudhoe, e nem sequer olhara para ela. Não podia culpá-lo. Então, com 18 anos, era um belo rapaz, enquanto ela era uma menina magra e desajeitada.

– Lá vai Harriet Neville, a sua futura mulher, Edward! Olha como ela é atraente! — diziam-lhe os amigos, apontando para ela. Lembrava-se bem disso.

Lorde Edward ficava revoltado com tal compromisso, pois ela era, de fato, a garota mais estranha que já tinham visto por ali. Magricela, sardenta, tinha pés enormes e, mesmo assim, não se equilibrava direito sobre eles. Vivia caindo e, consequentemente, cheia de escoriações.

Certa vez, pouco antes de ele partir para a guerra, Harriet armou-se de toda a pouca coragem de que dispunha e o procurou. Pretendia dizer-lhe que não queria se casar com ele.

– A pior desgraça que os Northumberland e os Neville fizeram foi esse pacto de casamento entre as famílias. Olhem para a minha futura noiva, não se parece com um abutre branco? — resmungou Edward, dirigindo-se a amigos, sem se dar conta da aproximação de Harriet.

Ao se virar, ele percebeu que também tinha sido ouvido por ela. Profundamente magoada, não esperara explicações e saíra correndo.

– Harriet! – Harriet! — ele gritou, saindo no seu encalço. Ela já ia longe, mas ouvia nitidamente o grito repetido. – Desgraça! O que foi que eu fiz?! – bradou, por fim, resignado.

Os dois nunca mais se veriam. Edward não participava das temporadas, e ela sempre recusava o conselho do pai e da tia, a baronesa viúva de Patchetts, que a estimulavam a visitar Alnwick Castle.

E agora ela era gorda e com aqueles peitos!

HAVIA dois meses Harriet Neville tinha-se instalado temporariamente em Paris. Mudara para a capital francesa a convite da tia, irmã de sua falecida mãe, para fazer companhia à prima, lady Patchetts.

Ela o conheceria logo no dia de sua chegada. A carruagem do *Hôtel de Ville*, que as buscara no porto, quebrou um eixo no caminho. O alvoroço provocado pela tia assustara os cavalos. Ele surgiu nessa hora numa moderna *Cabriolet*, prontificando-se a ajudá-las. Apresentou-se como cocheiro do conde Filippo Raspail. Era muito bonito. Mais do que sua aparência física, Harriet estranhou a forma como estava vestido, sofisticada demais para um simples serviçal.

A desconfiança inicial, entretanto, logo se esvairia. Harriet passou a vê-lo todo dia quando saía para passear com a tia e a prima. Ele estava sempre vestido com a simplicidade dos cocheiros. Intuiu que devia trabalhar no *Hôtel de Ville*, dado esse constante encontro no local. Com o passar dos dias, seus olhos já o procuravam automaticamente, tendo ela o pressentimento de que as seguiam por todos os lugares.

Para irritação da tia baronesa, Harriet não demonstrava interesse por nenhum dos rapazes que a abordavam querendo lhe fazer a corte. Uma repetida coincidência vinha deixando-a impressionada: o cocheiro, que não lhe saía do pensamento, estava também em todos os eventos a que ela comparecia — não no baile em si, mas em frente ao salão. Deduziu, naturalmente, que o conde Filippo Raspail frequentava as mesmas festas para as quais sua tia era convidada.

A baronesa demonstrava crescente impaciência com o desinteresse de Harriet pelos homens. Ela a tinha levado para Paris para que recebesse outras

propostas de casamento, já que na Inglaterra ela era a noiva de um ‘fantasma’. Ninguém se aproximava dela com medo do poderoso primo, o conde de Northumberland. Dizia-lhe que ela estava ficando ‘passada’, mas o que pretendia mesmo, era arrumar um marido para a sobrinha e, assim, deixar o caminho livre para a filha, apaixonada por lorde Edward. Harriet percebia, mas não ligava. As lembranças que tinha do primo sempre se misturavam às humilhações que sofrera quando criança. A prima que se casasse com ele, ela pouco se importava. Logo, porém, pegou-se sonhando com o misterioso cocheiro, desejando ser beijada e abraçada por aqueles braços fortes.

Certa noite, algum tempo depois, a tia aceitou um convite de uma amiga inglesa, que também estava hospedada no *Hôtel de Ville*, para irem juntas assistir à peça de estreia da amante de Victor Hugo, Juliette Drouet. Era o mexerico da vez em Paris. O que se comentava era que o escritor estava traindo sua esposa, Adele, com a atriz. Exatamente por isso, toda a cidade estava ansiosa para vê-la. Cansada dessas fofocas, Harriet alegou uma indisposição para não acompanhar a tia e a prima ao teatro.

Um pouco mais tarde, bateram à porta do seu quarto. Imaginou que poderia ser o cocheiro. Estremeceu ao pensar nisso. Cautelosamente começou a abrir a porta. Seus olhos, então, se encontraram com os dele. Nesse momento, uma chama ardente percorreu todo seu corpo. Ele entrou, tomou-a nos braços e a beijou ardorosamente. Nunca tinha sido beijada e não sabia o que fazer. A língua dele tocou a dela. Era uma sensação que ela nunca havia experimentado. Com as pernas tremendo, tentou se justificar.

– Eu não sei o que fazer. Nunca... — ela murmurou.

– Apenas deixe-me beijá-la. A sua pureza me deixa louco — ele interrompeu-a, retomando o beijo.

Harriet, desajeitadamente, tentava acompanhá-lo. Tocou-lhe a língua com a sua. Ele vibrou, ela sentiu, pois seu corpo estava colado ao dele.

Ele sabia seu nome, ela quis saber o dele, entre beijos.

– Pode me chamar de Belvoir — ele disse.

– É inglês? — ela perguntou. Ele confirmou, mas explicou que estava no continente havia vários anos.

A apresentação parou por aí. Ambos sabiam que tinham pouco tempo a sós. Logo a duquesa e a filha estariam de volta. Harriet queria mais. E Belvoir a atendeu. Voltou aos beijos ardentes e apaixonados. Eram intercalados por frases com as quais ele elogiava a beleza, o jeito tímido dela... Por fim, interrompendo os beijos, declarou seriamente sua intenção de

se casar com ela.

– Meu pai nunca permitiria o meu casamento com o senhor – ela ponderou, visivelmente entristecida. Estou prometida ao meu primo, o conde de Northumberland.

Belvoir pareceu muito surpreso.

– Se seu pai algum dia permitisse, a senhorita se casaria comigo? Casaria com um simples cocheiro? — ele perguntou, ainda mantendo-a junto de si.

– Sim. Não me importo com a sociedade. As pessoas apenas me magoam...

– Então vamos nos casar – ele disse, impedindo-a de continuar com um novo e ardente beijo. Naquele instante, entorpecida pela paixão, ela quase podia acreditar que isso seria possível.

– Nunca poderemos — retrucou, voltando-lhe a razão.

– Então aproveite o momento, minha querida. *Por que há de haver coisas eternas na vida transitória? Já viu refletida uma imagem com nitidez em águas de grande correnteza? A vida não faz outra coisa senão passar velozmente...*

– Mas, vou sofrer – ela protestou.

– A causa do sofrimento está na expectativa, no medo. Apenas viva este momento.

– Não, a causa do sofrimento está no apego, está em querer que dure para sempre o que não foi feito para durar. Nós não temos futuro, eu sei bem disso.

– Oh, minha querida! Deixe seu coração guiá-la agora. Lembre-se de que *a melhor maneira de se livrar de um desejo é ceder a ele.*^[2]

Por um instante, ela se perguntou como os cocheiros de Paris podiam ser tão cultos. Mas com a sua boca colada em seu ouvido, tal reflexão logo se perderia em meio às novas e inebriantes sensações que lhe perpassavam o corpo. O tempo passara rapidamente. De repente, o barulho da carruagem que chegava de volta ao hotel alertou-os de que tinham de se separar imediatamente. Às pressas, Belvoir deixou o quarto.

Um inesperado chamado do administrador de seus negócios obrigou a baronesa a interromper a temporada em Paris. Um banco, no qual grande parte de seus investimentos estava aplicada, tinha ido à falência. Teriam de retornar à Inglaterra ainda naquela manhã. A tia não lhe deu tempo sequer para deixar um bilhete para Belvoir. Harriet ainda o viu e acenou-lhe, enquanto a prima a criticava pela atenção que estava dando a um simples

cocheiro. Voltava para sua terra de coração partido. Consigo levava apenas um nome e o endereço do *Hôtel de Ville*.

Já em Londres, morrendo de saudade, continuava aguardando resposta das três cartas que escrevera para o hotel, aos cuidados de Belvoir.

Perdida em seus pensamentos, agora olhava para as condessas de Jersey e de Lieven sentadas à sua frente até com certo desdém. Tinham aparecido ali, sem mais nem menos, para falar do seu noivo? O que esperavam dela? Uma cena? Certamente sairiam dali frustradas, pois o que viam, à medida que davam detalhes surpreendentes dos fatos, era uma lady fria e distante.

O que diriam aquelas condessas se pudessem ler seus pensamentos que voavam para além do canal? Lady Neville refletia sobre algo que Belvoir, o estranhamente intelectualizado cocheiro, lhe dissera um Paris: “A beleza... a bondade... a juventude... Tudo com o tempo se esvai, como o fumo delével. Na curta passagem da vida, confundem-se à distância todos os traços, tanto os que marcam os caminhos da alegria, como os que vêm da tristeza... A saudade do passado é o nevoeiro que envolve tudo na mesma claridade enganadora e opaca...”^[3]

CAPÍTULO 2

O bastardo

Voltar a Londres só mesmo por uma boa causa. Não podia deixar de participar da festa em Pudhoe House. Seu amigo, Arthur Pearl Clifford, o duque de Pudhoe, estava comemorando um ano de casado e ele e o conde de Northumberland, o lorde conhecido por Hostpur, tinham sido intimados a comparecerem. Pisar em Londres, contudo, suscitavam velhas mágoas. Se bem que a festa em si fora um pretexto. Desde que conhecera Harriet Neville ele não a tirara da cabeça. Não voltara mais a sair com Juliette Drouet e nem com qualquer outra mulher. Não que estivesse apaixonado, isso jamais, mas se via pensando nela. Sua voz suave, seus modos gentis, seus cabelos loiros, macios e cheirosos e seus seios volumosos. Não era bela, isso não. Lady Neville não era o tipo de moça que chamava atenção. Era apagada e tinha o corpo arredondado. Mas ela tinha algo diferente. Ele adorava suas sardas, o som da sua risada e gostava de abraçá-la. Ela era tão macia, tão voluptuosa. Para Belvoir ela era linda!

Mas voltar a Inglaterra era remexer no passado. Não havia nada mais desonroso para um homem, ainda mais um nobre, que ser chamado de bastardo. E Belvoir sabia que era verdade. Ele era um bastardo. Sua história familiar não era admirável. Ele certamente não se orgulhava dela.

Seu pai – um jovem e atraente viúvo sem filhos – tinha conhecido uma dama na Itália e ele era o fruto dessa união. Ele era filho da condessa di Bienfait, uma mulher adúltera. Sua mãe nascera na Florença. Filha do marquês Enzo Oldoni Rapallini fora conhecida como a "mulher mais bonita do século". E ela era bela, de fato. Belvoir havia herdado sua beleza. Mas aquela bela mulher somente lhe trouxera desgosto. *Deve ser por este motivo que eu sinto atração pelas damas menos belas.* Pensou ele, lembrando-se de lady Neville.

Sua mãe havia recebido uma educação primorosa, típica da nobreza Piedmont, aprendera Inglês e Francês rapidamente, praticara dança e música. Ciente de sua beleza, ela que era apelidada de *La Perla d'Italia*, casou-se com a idade de 17 com o conde Enrico Verasis Bienfait. Mas abandonou o marido e se tornou amante de Robert Stanhope, o duque de Belvoir, engravidando dele. Poucas semanas depois de seu nascimento ela o deixara em Londres e pedira para ir morar em Paris. O filho, a quem ela chamara de Ollie, o

herdeiro do ducado de Belvoir, fora criado por uma ama.

Belvoir perdeu as contas dos amantes que a mãe tivera em Paris. Os escândalos de adultério envolvendo a condessa eram frequentes em sua juventude. Ela se relacionava com homens casados e forçou o duque a abandoná-la e tirar-lhe sua proteção financeira, deixando-a arruinada. O pai voltou sozinho para a Inglaterra, onde ele teve que vender muitos de seus bens para pagar dívidas feitas pela amante. Os adultérios da condessa atingiram as manchetes e alcançaram as portas dos quartos privados de toda a Europa, que em tempos normais teriam sido fechadas para ela. Apoiada por sua beleza, mas também por um charme irresistível e uma inteligência sutil, a condessa di Bienfait conquistara os homens e se tornara uma famosa cortesã. Quando se refeririam a ela diziam que seu ‘coração era um pouco mais baixo’. A mais bela criatura que existiu desde o princípio do mundo, entretanto, acabou muito mal.

Seu pai, o duque, morreu antes, subitamente e a condessa di Bienfait abandonou momentaneamente a vida que levava. Após a morte de seu amante oficial, Virginia recuou para um apartamento sombrio, triste e escuro. Do seu sumptuoso passado restara o engano. De sua beleza patética, restou seu corpo murcho e quase nenhum cabelo. Após o colapso de sua beleza, a viúva condessa, pois o marido conde também havia morrido, definhou. Escrava de sua imagem não aceitou envelhecer. Tornou-se fadigada, sem interesse pela vida, hipocondríaca e histérica. As vezes que visitara a mãe se deparara com uma criatura irritadiça, que tinha ódio da beleza que via no próprio filho. Era pessimista e amarga. Belvoir constatou que ela tinha ódio da humanidade, não somente dele. Por fim, os espelhos^[4] do apartamento da mãe em Paris tiveram que ser escondidos, pois ela não podia olhar-se e ver que sua beleza se esvaíra. Ela morreu em Paris completamente fora de si e sozinha. Ele estava no Norte quando recebeu a notícia. Se chorou, não. Sua mãe havia sido a sua ama seca. Feia e gorda, e a quem ele amava e via como referencial de bondade e aconchego.

BELVOIR desejava muito rever lady Neville, mas como encontrá-la sem que ela descobrisse que lhe mentira em Paris? Como explicar o fato de ele estar em Londres? Um cocheiro parisiense não tinha dinheiro para viajar para Inglaterra. Precisava de um motivo que desse veracidade à sua história. Mas

qual motivo? Não podia contar com a ajuda do conde de Northumberland, nem com o duque de Pudhoe, eles eram íntimos demais, e lorde Edward Percy era o prometido da prima. Pensou em lorde Robert Percy, mas este era irmão do conde de Northumberland e Belvoir não sabia se o lorde pensava em cumprir a promessa de seu pai. O clã Percy e Neville há gerações se casavam entre primos, uma forma de fortalecer a família. O que fazer? Ele queria vê-la. *Só mais uma vez*, pensou.

Hospedado no Warrens Hotel na *Lower Regent Street*, ele decidira colocar em prática um plano que arquitetara em Paris. Antes de voltar a Londres ele havia comentado para o conde francês e sogro do duque de Pudhoe, Filippo Raspail, de quem se tornara grande amigo – um homem de sangue apaixonado que no passado amara e perdera seu grande amor – o que se passava com ele e a lady a quem socorrera. Contara-lhe que fora obrigado a dizer que era o cocheiro do conde Raspail. Na ocasião os dois riram um bocado da história inventada num rompante por Belvoir para enganar a baronesa viúva de Patchetts. Mas o conde, que no passado fora obrigado a se casar com uma dama rica, mas perdera para sempre Juliet Besnard – a mãe de Leonora, a duquesa de Pudhoe – fato que ele lamentava toda vez que se sentava para conversar com Belvoir, tinha percebido que o jovem duque estava bastante interessado na lady a quem socorrera. Volta e meia Belvoir falava dela, nas horas mais inusuais, e o lorde concluíra que o amigo estava apaixonado. Quando Belvoir fora se despedir para voltar a Londres, Raspail deu-lhe uma ideia. Insinuou que o indicaria como cocheiro do barão Neville, em Londres. Que escreveria uma carta e esta deveria ser entregue ao duque de Pudhoe para que este a entregasse a lorde Neville.

O grande problema é que Harriet Neville o conhecia por Belvoir, e que o duque de Pudhoe o conhecia pelo mesmo nome, assim como os lordes Edward e Robert Percy. *Por que não dera outro nome para a moça?* Mesmo Raspail tendo sugerido que se apresentasse com o sobrenome do avô materno, era muito arriscado. Mas, mesmo assim, uma carta de apresentação foi escrita da parte do conde Filippo Raspail, da França, para o duque de Pudhoe, na Inglaterra, para ser entregue ao barão Neville, indicando Oliver Oldoini como cocheiro. O conde informara ao barão que o cocheiro há anos o atendera com zelo e confiança, mas que ele estava noivo de uma inglesa e iria residir agora em Londres. Como Mr. Oliver tinha conhecido a simpática baronesa viúva de Patchetts e lady Neville em Paris, na ocasião do acidente envolvendo a carruagem do *Hôtel de Ville*, ele tomara a liberdade de pedir ao

estimado lorde que o contratasse.

Aquela trama muito divertira os dois amigos em Paris, mas agora em Londres, Belvoir hesitava em levar a carta e entregá-la a Pudhoe. Ele não temia que o amigo ligasse o sobrenome Oldoini a ele. Se tivesse usado di Bienfait, isso sim. O duque descobriria no ato, mas o sobrenome do meio do avô quase nunca era mencionado. E há muitos anos, o marquês Enzo Oldoni Rapallini havia morrido. Belvoir, portanto, decidiu que levaria aquela história até o fim. Se Pudhoe descobrisse a verdade ele abriria os fatos para o amigo, não temia Arthur Pearl Clifford. Temia Edward Percy, o conde Northumberland. Não porque o lorde fosse mau, isso não, mas ele estava errado em cortejar a noiva do amigo. *Por que ele sempre tinha que se interessar pelas mulheres comprometidas? As amantes dos outros, agora a noiva?*

Por outro lado, Belvoir não via nenhum interesse de Edward pela prima. Muito pelo contrário, havia fortes indícios que o conde estava apaixonado por uma estrangeira prussiana que aparecera do nada em suas terras. A cidade não falava em outra coisa. Que Deus o ajudasse! Talvez lorde Edward Percy estivesse mesmo apaixonado pela estrangeira.

NAQUELA mesma tarde, na mansão do duque de Pudhoe, Belvoir foi atendido por Mr. Oldenburg, o mordomo.

– Boa tarde, Sua Graça. Deseja falar com o duque?

– Sim, Mr. Oldenburg. Vou esperar por ele na Biblioteca – e Belvoir foi entrando, pois ele e Arthur Pearl, lorde Clifford, eram amigos desde a infância.

Em poucos minutos, o duque apareceu: – O que o traz aqui, Belvoir? Não te vejo desde a festa. O que fez para Northumberland para ele ter saído tão intempestivamente àquela noite? – disse Arthur Pearl e os dois riram do que tinham armado para lorde Edward Percy.

– Edward ficou furioso com a aparição de *mademoiselle* Duplessis – respondeu Belvoir –, disse que foi uma brincadeira de muito mau gosto de sua parte tê-la convidado para cantar.

– E eu tive as melhores das intenções – disse Pudhoe, achei que madame Marie Duplessis fosse ajudá-lo a sair da fossa em que ele se encontrava. Coitado!

NACIONAIS-ACHERON

– Não deve estar sendo fácil para ele. Perder a mãe e o pai ao mesmo tempo – respondeu Belvoir – E você sabe como é isso, não é Oliver? Fala com conhecimento de causa, pois o duque, seu pai, morreu e logo depois a sua... – Pudhoe hesitou. Não queria ter mencionado a mãe de Belvoir. – Mas vamos mudar de assunto, o que o traz aqui? Não veio me fazer uma visita de cortesia, sei disso.

– Não mesmo. Trouxe uma carta do seu sogro de Paris...

– Carta? Mas por que não me entregou na noite da festa?

– Acabei esquecendo-a no hotel, desculpe-me, aqui está – Belvoir entregou o envelope com o selo do conde Raspail ao duque.

A cartada fora dada, não havia mais volta.

– Mas é uma carta para lorde Neville, o barão! Por que Raspail não pediu para o conde de Northumberland entregar a ele? Lorde Hostpur é sobrinho do homem. Eu mesmo nem gosto muito do barão... ele falou tanto quando eu me casei com Leonora, da péssima influência que eu era para o sobrinho dele. O coitado tem medo que Edward não se case com Harriet Neville e creio que ele tem razão para se preocupar.

– Acha mesmo que Edward não vai se casar com a dama?

– Tenho quase certeza disso. Desta vez a união das famílias Percy e Neville não vai acontecer. Creio que Edward está apaixonado por aquela estrangeira que ele está hospedando. Riu tanto de mim quando eu... bem... você sabe... a Leonora.

– Sim, eu sei. Lembro-me bem de Sua Graça no clube e do que Edward fez para... bem... você sabe.

– O desgraçado quebrou meu nariz e entortou-o para sempre – respondeu Pudhoe, e por incrível que pareça estava rindo.

– Sim, eu estava lá. Mas a intenção dele foi nobre. Estava se metendo numa enorme confusão, Arthur. Edward não teve alternativa.

– Bem, vou escrever uma nota para enviar junto com a carta de Raspail. Sirva-se de uma bebida enquanto isso, Oliver– o duque apontou para o aparador onde as bebidas se encontravam. Belvoir foi lá. Enquanto se servia meditava no que ele estava se metendo. Trabalhar como cocheiro para um barão só para ficar perto de uma dama? E trair seu melhor amigo? Não podia pelo menos contar a verdade para Arthur Pearl? *Não! Por enquanto não.* Ia ver a moça mais uma vez e depois voltar para a França e pronto. Seus negócios na Itália esperavam por ele.

Desde muito novo Belvoir notara que tinha habilidade para o comércio.

Numa viagem à Florença, ainda um adolescente, encantou-se pelo ramo que seu avô atuava, o mercantil e, na fase adulta, assumira os negócios em decadência da *Rapallini Maritime Trade* e transformara a empresa numa das maiores da Itália. Fazia o transporte de mercadorias, em sua maioria arte e tecidos finos entre Itália e a França.

Não herdara uma fortuna como o duque de Pudhoe e o conde Northumberland. O que ele possuía tinha vindo de seu próprio esforço. Seu pai o deixara um ducado falido. Só há pouco tempo, Belvoir tinha conseguido restaurar Belvoir Castle, pagar todas as dívidas, pois as terras estavam hipotecadas. As terras de Nottingham agora é que estavam lhe rendendo alguma coisa. Por muitos anos só lhe deram prejuízo.

Belvoir Castle, ele se lembrou de onde vivera com sua ama. Havia preferido morar em Paris por causa dos boatos que corriam sobre ele na Inglaterra.

De herança mesmo tinha recebido uma pequena propriedade na Florença, deixada por seu avô materno, o marquês, e uma empresa quase falida. Havia estruturado a empresa e ampliado os negócios da Itália e França para a Inglaterra. Um de seus navios fazia a rota Dover e Calais. Morar em Londres agora era estratégico para ele, pois não tinha um homem de confiança para cuidar dos negócios ali.

– Bem, aqui está. Vou pedir para um laçao entregar a lorde Neville – disse o duque de Pudhoe tirando Belvoir de seus devaneios.

– Ah, sim – ele respondeu, virando o líquido garganta abaixo.

– Está bem, Belvoir? Está estranho? E os negócios? Edward me contou que ampliou a *Rapallini* para Dover e que busca financiamento para pegar a rota das Índias. Estive falando com Percy e, se você tiver interesse, queremos investir e entrar na sociedade. Íamos mesmo te procurar e a sua visita foi providencial. Lorde Robert também está muito interessado. O que acha? Quando podemos conversar sobre isso?

– Vocês? Investindo na *Rapallini*? – Belvoir ficou branco. Não que seus amigos não fossem os sócios que ele pedira a Deus, mas ser sócio do homem que ele estava armando para lhe tomar a noiva? Não podia ser sócio de Edward Percy, nem de lorde Robert e como dizer isso ao duque? Precisava ganhar tempo, o que diria?

– Vamos marcar e conversar, Pudhoe. Estou à procura de um sócio para essa rota, mas eu não tinha pensando em quatro sócios.

– Nem eu, Belvoir. Mas você há de convir que, juntos, seremos imbatíveis

nesse ramo. Podemos comprar a *Trade Royal*, que ouvi dizer que está com enormes dívidas, e ampliar ainda mais o negócio. Começar a transportar algodão das Américas para a Inglaterra. Você já tem o conhecimento e nós entraremos com o capital. Isso pode ser bem divertido, não acha?

– Está cansado de caçar, Pudhoe? – brincou Belvoir.

– Acho que sim, amigo – ele riu.

CAPÍTULO 3

Uma hóspede estrangeira

A residência de Londres da família Neville não ficava longe de Northumberland House, a casa do suposto noivo da dama. Lady Neville sobressaltou-se novamente quando seu mordomo foi lhe informar que duas senhoras a aguardavam. A primeira coisa que lhe veio à mente foi mandar avisar que não estava em casa. Não queria ver de novo as condessas de Jersey e de Lieven.

– Milady, trata-se de duas senhoras de luto – respondeu o mordomo como se soubesse o que se passava pela cabeça da jovem.

– De luto? Mas quem?

– Uma delas eu reconheci, milady, mas não sei por que está de luto.

– Reconheceu? Não são as condessas de Jersey e de Lieven? Fala logo, homem! – disse Harriet, levantando-se e colocando o livro sobre a mesa.

– Uma delas é a duquesa de Prudhoe.

– Leonora? O que ela faz aqui? – Harriet perguntara para si mesma, mas seu mordomo respondeu: – Não sei, milady. Digo as damas para esperarem?

– Sim, já estou indo. Leve-as para a sala de estar e lhes sirva um chá.

Assim que Harriet desceu foi recebida por uma duquesa aflita que lhe pedia para dar abrigo a uma amiga: uma estrangeira que viera da Prússia. Leonora havia dito que ela não falava bem o Inglês, mas entendia perfeitamente. Harriet concordara imediatamente em hospedar a jovem, pois de forma alguma negaria um favor à duquesa de Pudhoe. Embora não soubesse exatamente por que a própria duquesa não hospedava a moça, Harriet desconfiava que tivesse alguma ligação com seu suposto noivo. Aquela deveria ser a estrangeira de quem as condessas de Jersey e de Lieven tinham falado. Ela sentiu pena da jovem, pois ela estava visivelmente abalada por alguma coisa. Tratou de ser cortês e dar toda atenção à pobrezinha.

Logo, Eliza, pois este era o nome dela, mostrou-se menos reticente e ela e Alyssa descobriram que Eliza falava inglês tão bem quanto elas. Harriet descobriu que Eliza era uma ótima pessoa e disse a ela que já havia escutado falar sobre a sua estadia em Londres. Aproveitou e lhe contou da visita das condessas de Jersey e de Lieven.

A moça, que parecia estar vivendo num torpor emocional, fez questão de frisar que a relação que ela tinha com o conde era superficial, apenas porque

o seu falecido tio fora rendeiro dele em Alnwick. Harriet lamentou, pois ao contrário de que todos pensavam, ela não amava Edward.

Logo Harriet e Eliza tornaram-se amigas. Certo dia, enquanto caminhavam pelos extensos jardins, entre as áleas quase congeladas naquela fria manhã de inverno londrino, em companhia uma da outra, involuntariamente um suspiro saiu do peito de Eliza. Harriet olhou para ela com curiosidade, mas Eliza nada falou. Mas Harriet sabia que ela escondia um segredo. Ela também tinha o seu. Como essa moça reagiria se descobrisse que ela, uma lady fina e educada, tinha se envolvido com um simples cocheiro parisiense e que estava apaixonada por ele.

Certa tarde, sua tia, a baronesa viúva de Patchetts, apareceu de surpresa para visitá-las. A tia, assim que viu a estrangeira e tomou conhecimento de seu nome, chamou Harriet para uma conversa particular na Biblioteca.

– O que esta moça está fazendo aqui, Harriet?

– Estou hospedando-a a pedido da duquesa de Pudhoe, tia – respondeu Harriet, citando a duquesa, pois a tia temia o duque.

– Está louca? Hospedando a mulher que quer tomar o seu próprio noivo, Harriet? Não é à toa que você continua uma solteirona! Passa dias e dias só comendo e engor... não sai à procura de seu primo, enquanto ele se engraça todo para essa aí. E por que a própria duquesa não a hospeda? Alguma coisa podre tem nisso aí, posso sentir o cheiro...

A tia a manteve trancada por mais de uma hora num monólogo sem fim, e quando a porta se abriu, a baronesa fulminou sua hóspede com um olhar tão duro que Harriet teve vontade se escorraçar a tia. Só não o fez pela memória de sua falecida mãe.

– Fico me perguntando – disse a baronesa, encarando a outra – o que se passou na mente da duquesa de Prudhoe para, além de se misturar com pessoas de classe tão diferente da dela, ainda impor a convivência dessas às minhas pobres sobrinhas. Isso é o que mais me espanta: submeter às minhas próprias sobrinhas a isso!

– Tia, sei que lhe devo respeito, mas miss Schumacher é minha convidada. Peço que se retire – disse Harriet.

– Isso é um absurdo, Harriet Neville. Vou escrever para seu pai hoje ainda. Já posso ver a reação do barão quando ele souber que você colocou dentro da sua própria casa a mulher que anda tendo um caso com o seu noivo.

– A baronesa está enganada – disse Eliza num fio de voz –, não tenho qualquer tipo de relacionamento com lorde Edward.

– Não é o que se diz por toda Londres, mocinha! Pois arrume outro lugar para se hospedar ou volte para onde veio, porque não influenciará negativamente minhas sobrinhas. A sua presença nessa casa jogará seus nomes na lama. Lembre-se disso, Harriet Neville. Nenhum cavalheiro lhe proporá casamento se souber que anda com a amante de lorde Edward. O que a duquesa tem em mente, eu não sei, mas vou descobrir.

Assim que a baronesa saiu pisando firme, Harriet correu até a moça para consolá-la, mas Eliza apenas pediu papel para enviar um bilhete a Prudhoe House. Logo depois a duquesa chegou para buscá-la.

Lady Harriet ficara tão envergonhada pelo tratamento que a tia havia submetido à sua hóspede, que não fez nenhum tipo de pergunta, sobretudo nenhum tipo de comentário sobre o que a tia havia falado com ela na Biblioteca.

LADY Harriet tinha acabado de se despedir da duquesa de Pudhoe e de Eliza quando seu pai voltou. A primeira coisa que ele lhe disse foi que tinha recebido, pela primeira vez, uma nota da parte do duque de Pudhoe.

– Engraçado, ele está encaminhando uma carta do conde Filippo Raspail, da França. O que esse nobre quer comigo?

O coração de Harriet deu um salto. Ela se recordava do nome do conde Raspail, pois era para ele que o seu cocheiro parisiense trabalhava. Pela sua cabeça passaram mil perguntas enquanto o pai lia a carta, mas nenhuma delas fazia qualquer sentido.

– O conde está me indicando um cocheiro. Mas eu já tenho um cocheiro. Ele diz aqui que foi o cocheiro que socorreu você e a sua tia em Paris.

– Mas, por quê? Ele vem para Londres?

– Sim, é o que o conde diz. Está noivo de uma inglesa. Não posso deixar de atendê-lo, além de o homem ser um conde, é o sogro do duque de Pudhoe. A baronesa, isso mesmo, ela pode contratá-lo, e estará tudo em família.

Harriet mal respirava. Se seu pai olhasse para ela naquele momento veria que todo o sangue tinha fugido de seu rosto. Então ele recebera as cartas dela. Por que não lhe respondera? Era analfabeto, por certo. Mas parecia tão instruído. Ela estava tão distraída que não ouviu o que o pai disse: – Harriet, Harriet, o que está acontecendo com você?

– Nada, nada, eu estava... só... pensando.

– Vai e avisa à sua tia que eu quero falar com ela. Vou mandar um laçao enviar um recado para esse cocheiro. Só não estendo porque o conde mandou procurar o homem no Warrens. É um dos hotéis mais caros de Londres. Certamente ele é parente de algum empregado lá – disse o barão.

HARRIET foi até a casa da tia e soube que ela tinha saído com sua prima para encomendar vestidos com Mrs. Sanderson. Como o cocheiro de seu pai era ágil e a baronesa tinha ido com um coche de aluguel, elas chegaram quase juntas. A tia, como sempre, estava envolta a mexericos envolvendo seu prometido noivo, a estrangeira e o conde de Northumberland. Tinha ouvido que Edward Percy havia cancelado o precoce noivado com a estrangeira e que a moça agora era noiva de lorde Davy Douglas. O que muito surpreendeu Harriet, pois sabia que era mais uma mentira, mas a notícia muito alegrou as duas damas Patchetts.

– Jamais devia ter hospedado essa estrangeira, Harriet. Lorde Neville tem que tomar uma providência urgente – disse a tia.

– Mamãe! – exclamou lady Patchetts, – por que não me chamou à casa de Harriet. Eu daria tudo para ver que moça é essa que está causando essa confusão entre esses dois cavalheiros – disse a jovem lady Patchetts, maldosamente.

– Os Northumberland e os Douglas sempre estiveram em guerra, tia – respondeu Harriet. – Esse é mais um mexerico envolvendo essa eterna briga. Tenho certeza de que Eliza não tem nada a ver com isso.

– Quem, criança? – perguntou a tia.

– Os Percy e os Douglas, tia.

– Não me admiro então que disputem uma dama – responde sua tia.

– Não me parece infeliz com nada desses mexericos, Harriet – comentou lady Patchetts.

– Por que deveria estar, prima? Não sou noiva nem de um nem de outro. Lorde Edward é livre para se casar com quem quiser e lorde Davy também. O que me aborrece são as pessoas acharem que têm que me contar todos os passos do conde e também esse monte de invenções sobre uma criatura tão boa e honesta como miss Schumacher.

– Mas você é a prometida de lorde Edward! – falou a prima, mais para ver a reação da outra do que qualquer outra razão.

– Promessas se quebram e essa já foi longe demais – disse Harriet.

Lady Neville só tinha uma coisa em mente. *Ele viera para Londres*. Seu coração estava exultando. Não importava se ele era pobre, um simples cocheiro, ela o queria para si. Sua única dúvida era o fato de o conde francês ter mencionado uma noiva inglesa.

Após algum tempo ela deu o recado de seu pai à tia.

ENQUANTO as damas de Londres se preparavam para a estação, encomendando seus vestidos e chapéus e toda a sorte de frivolidades, o assunto era sempre o mesmo: lady Neville, a estrangeira e o conde de Northumberland. O nome do conde de Douglas às vezes também era citado.

O baile que daria início à Temporada de Londres, de 1831, foi marcado para uma quarta-feira, no Almack, como era a tradição da *ton*, pelas condessas de Jersey e de Lieven.

CAPÍTULO 4

Um novo cocheiro

Assim que recebeu a nota do barão, Belvoir bradou: – Não!

Ele havia se esquecido de um detalhe crucial no plano. O barão já tinha um cocheiro de confiança, então porque contrataria outro? Mas trabalhar para a baronesa de Patchetts, ele não iria. Nem se Harriet Neville fosse a mulher mais linda do mundo, o que ela não era; nem que fosse a única mulher do mundo disponível, o que também não era verdade, pois além de ela não ser a única do mundo, também não estava disponível.

Ele quase teve mais uma das suas crises de consciência, mas desconsiderou-a. O boato de que lorde Percy estava cada vez mais envolvido pela sua hóspede estrangeira estava muito forte em Londres. Belvoir teve uma ideia: – Hughes – gritou pelo seu secretário.

– Pois não, Sua Graça.

– Vá à casa do barão Neville, neste endereço aqui, e contrate o cocheiro dele.

– Não compreendi, Sua Graça. Contratar o cocheiro do barão, para quê?

– Para guiar a carruagem ducal do duque de Belvoir.

– Mas milorde já tem um ótimo cocheiro – Hughes refutou.

– Então o promova a qualquer coisa, Hughes, mas desocupe a vaga de cocheiro e pague o quanto o homem lhe pedir.

Hughes estava muito confuso.

– O que foi, Hughes? Ainda não entendeu? Promova o meu atual cocheiro. Aliás, mande-o para Dover. Vou precisar de um homem de confiança lá. Vá e procure o cocheiro, não o barão, pelo amor de Deus! De forma alguma o barão. Neville pode descobrir que estou por trás disso. Apenas contrate o cocheiro dele para mim.

– Para que *roubar* o cocheiro do barão se há centenas de cocheiros disponíveis em Londres à espera da oportunidade de conduzir uma carruagem ducal? Se Sua Graça não estiver satisfeito com o trabalho do Davies como seu cocheiro, posso contratar outro.

– Não há nada de errado com Davies, Hughes. Trata-se de uma aposta que fiz com o conde Raspail. Eu serei o cocheiro do barão. E nem uma só palavra sobre isso ou você estará na rua. Vá e compre um traje completo de cocheiro para mim. Rápido. Vá.

E Hughes saiu tendo uma péssima impressão de seu patrão.

BELVOIR se apresentou ao novo trabalho trajando sua novíssima roupa de cocheiro. Mas mesmo com sua simples casaca, a beleza vindo da *La Perla d'Italia* se sobressaía. Ele percebeu como o barão ficara impactado. Será que o homem o reconheceria? Não! Belvoir já tinha ouvido falar muito no barão Neville, mas os dois nunca tinham se encontrado. Para ser franco, sim, mas quando ele era ainda um adolescente. Uma única vez em Alnwick Castle, a casa de Edward Percy, no Norte. Àquela época o oitavo conde de Northumberland ainda era vivo.

– Então é Oliver Oldoni? O protegido do conde de Filippo Raspail, o sogro do duque inglês...– o barão o olhou de cima a baixo desconfiado.

– Sou Oliver Oldoni, milorde. Trabalhei para o conde Raspail e me orgulho bastante de ter o seu respeito.

– É bastante ativo para um cocheiro, Mr. Oldoni. Fala bem o inglês também, sem sotaque, sem erros. Como aprendeu?

– Minha mãe era inglesa, milorde – mentiu Belvoir. Ele estava cada vez mais enlaçado.

– Bem, isso não importa, desde que saiba conduzir um cavalo pelas ruas de Londres. Tome – disse o barão lhe entregando um endereço, – vá a este endereço. Vai trabalhar para a baronesa viúva de Patchetts – disse o barão já virando as costas e saindo. Belvoir olhou para o endereço e para os lados à procura de Harriet Neville. Onde ela estaria? Precisava vê-la só mais aquela vez, pois para a baronesa, ele não guiaria. Mas ele não a viu em nenhum lugar.

Vestido de cocheiro dentro da carruagem ducal, o sexto duque Belvoir fazia estranha figura. Não foi à toa que o barão estranhou, mesmo vestido naquela simplicidade, o porte e as atitudes dele não combinavam com um subjugado cocheiro de um nobre. Afirmando para si mesmo que não trabalharia para a baronesa, ele se viu tocando o sino da casa dela.

Duas horas depois ele conduzia uma velha carruagem pelas ruas de Londres. A baronesa dissera-lhe que queria ser levada à casa de lady Leanah, na Douglas House. Belvoir torceu para que não encontrasse lorde Davy, pois eles foram colegas de escola e tinham feito juntos o grande *tour*, juntamente com Edward Percy e Arthur Pearl Clifford.

– Ande logo, seu molenga – a baronesa gritou de dentro da boleia – Belvoir estremeceu de raiva. *Será que a mulher não via que estavam num congestionamento?* Ele nem se deu ao trabalho de responder. Ignorou-a.

– Ei, rapaz, não está me ouvindo? – ela gritou novamente. Ele ouviu a risadinha irônica da filha, a lady mais jovem. Ignorou-as de novo.

– Ele é surdo, *mamã* – ele ouviu lady Patchetts falando e rindo ironicamente.

– Se você não nos tirar deste tumulto agora, rapaz, está demitido – a baronesa blefou.

– Pois fiquem à vontade, madames – Belvoir saltou da carruagem e deixou a parelha desgovernada.

Andando lentamente e altivamente por entre a multidão de carruagens, ele deixou as duas Patchetts paradas no meio de uma rua londrina, sentadas numa velha carruagem sem cocheiro.

– Volte aqui, seu miserável! – ele ouviu um guincho histérico.

Que se danem! Lady Harriet pode ser uma delícia de apalpar, mas não tem *foda* que mereça tal sacrifício. Nem se eu estivesse muito apaixonado, coisa que definitivamente eu não estou. Trata-se apenas de uma maldita vontade de levá-la para cama, coisa que eu já deveria ter feito em Paris se essas mesmas duas malditas damas não tivessem chegado e empatado. E soltando imprecações uma atrás da outra ele rumou para o Warrens que não ficava longe dali.

Tirou a veste de cocheiro e a jogou no lixo. Voltaria para Paris e esqueceria lady Neville.

Naquela mesma tarde, Belvoir recebeu uma carta do encarregado da *Rapallini* na Itália informando que um de seus navios tinha naufragado no Mar da Ligúria, próximo a Toscana, ao norte das ilhas de Córsega e Elba, um enorme prejuízo.

– Maldição! Terei que ir à Itália. Isso pode levar meses.

Outra ideia lhe ocorreu: que diferença fazia a presença dele lá? O maldito navio já estava naufragado, o encarregado informara que já havia reembolsado os clientes, que não houvera perda humana, apenas material. Entretanto, ele agora tinha que começar a pensar seriamente na proposta do duque de Pudhoe e dos irmãos Percy. A sociedade com o conde de Northumberland, porém, inviabilizava qualquer intenção que ele pudesse ter com relação a Harriet Neville. Belvoir jamais misturava negócios e sexo. Se a lady era prometida do conde Hostpur, como era conhecido o conde de

Northumberland, ela estaria perdida para sempre para ele.

Belvoir não admirava seu caráter egoísta. Isso era um fato. Ele se culpava por desejar a noiva do amigo – e era um desejo ardente – pois até então ele sempre abrira mão das mulheres por quem lorde Edward Percy se interessara. E não tinham sido poucas as amantes. Mas para Belvoir nunca faltaram mulheres interessadas, sua beleza, muitas vezes, ofuscara as de Edward e de Arthur Pearl, e olha que para estes dois nobres não faltava beleza. Mas Oliver Ashlie Stanhope, o duque de Belvoir, era filho daquela que fora considerada a mais bela do mundo em seu tempo, e o duque, seu pai também fora um homem de excepcional beleza. Portanto, sua aparência era impactante.

No ínterim em que ele escrevia uma carta para ser despachada à Itália, na qual ele dava todas as orientações detalhadas ao seu encarregado da Lígúria, seu secretário o interrompe.

– O que foi, Hughes? Já redigiu as cartas para Sardenha, Sicília e Paris?

– Sim, milorde. Basta assinar, estão aqui – respondeu o secretário ainda parado à sua frente. – É que o barão está lá embaixo e deseja falar com o cocheiro Oliver Oldoni.

– Falar comigo?

– Não, Sua Graça. Com o cocheiro – respondeu o malcriado secretário.

– Maldição! Você já contratou o cocheiro dele?

– Sim, milorde. O homem aceitou na hora. Já está à sua disposição.

– Mas Davies me levou hoje cedo à casa do barão. Achei que esse processo fosse ser mais demorado... – o duque estava indeciso. O que faria?

– Davies já está a caminho de Dover agora, milorde.

– O que há com você, Hughes? Sempre leva uma semana para cumprir a mais simples ordem minha. Por que essa pressa dos infernos agora?

– Não queria que perdesse a aposta com o conde Filippo Raspail, milorde. O que respondo para o gerente do hotel?

– Diga a ele para dizer ao barão que mandará um recado para Mr. Oliver Oldoni, através de seu parente, e que o cocheiro o procurará amanhã pela manhã sem falta.

CAPÍTULO 5

Uma aposta

Hughes, o secretário do duque de Belvoir teve que correr às ruas de Londres em busca de um novo uniforme de cocheiro para seu patrão. O secretário não estava em seu melhor humor, afinal, um navio havia afundado na Itália e seu senhor estava perdendo tempo com apostas? Não somente o tempo dele próprio, mas o seu precioso tempo. Tinha cartas a redigir, pagamentos a fazer, telhado para pagar, pois Belvoir Castle estava caindo aos pedaços. E Nottingham era muito distante de Londres. Teria que partir no outro dia bem cedo, enfrentar tempestade de neve e muito atoleiro para que os servos tivessem o que vestir naquele terrível inverno.

Ele encontrou o que procurava numa estreita rua próxima ao Warrens. Seu patrão não faria feio em seu segundo dia de trabalho e Hughes apostava que também seria seu último dia como cocheiro. Aquela aposta estava perdida.

Mas Hughes não conhecia o que se passava na mente do duque. Cedo, Belvoir já estava na porta do barão Neville se apresentando de novo para o trabalho: – Eu deveria lhe pôr para correr daqui, Mr. Oliver. Se não fosse um acidente que acometeu meu próprio cocheiro impossibilitando-o de trabalhar – disse o barão. Belvoir sabia qual era o *acidente* que tinha acometido o cocheiro do barão. Naquela manhã, ele mesmo o tinha deixado nas imediações da casa Neville na carruagem ducal. O cocheiro chegava a ter os peitos estufados de orgulho.

– Onde já se viu, deixar a carruagem da baronesa viúva de Patchetts parada no meio de um congestionamento. Ela fez muito bem em demiti-lo.

Belvoir estava impaciente. Olhava de um lado para outro à procura de Harriet Neville. Aquele discurso do barão o estava entediando.

– Se não fosse a corrida *Clarence House Chase*, em *Ascot Race course*, eu não o contrataria. Nem o duque de Pudhoe me obrigaria a isso. Mas Berkshire está a 14 milhas daqui e é o dia de estreia do animal de minha filha.

O barão agora tinha toda a atenção de Belvoir.

– O animal de sua filha vai competir em Ascot?

– O que você entende de cavalos? – desdenhou o barão.

– Sou cocheiro, milorde.

– É um audacioso, isso sim. Eu devia te man...

– Pai – Harriet Neville estava a três metros dele. Quando seus olhos se encontraram, Belvoir soube que valera a pena suportar a baronesa de Patchetts.

– O que foi, Harriet? Eu estou tratando com o novo cocheiro.

– Como vai, Mr... – ela hesitou.

– Mr. Oliver, milady. Estou bem. Espero que a lady também esteja.

– Sim, Mr. Oliver. Estou bem.

Ela baixou a cabeça e Belvoir percebeu que ela tremia um pouco. Tentou chamar a atenção do barão para si para que este não percebesse.

– Devo ir preparar a carruagem, milorde.

– Sim, depressa. Brisa da Manhã hoje será campeã.

– Não, papai. Minha égua não está pronta para correr. Conversei com o jóquei e ele me disse que...

– Ela vai correr, Harriet – bradou o barão não dando nenhuma chance da filha refutar. – O conde e lorde Robert estarão lá. Não preciso dizer o que você deve fazer, pois você já está orientada. Desta temporada não pode passar, Harriet. Você está ficando velha demais, nenhum homem vai querer se casar com uma matrona, ainda por cima com esses... – disse o barão olhando para os seios da filha com ar de desprezo.

Harriet ficou embaraçada e Belvoir percebeu que ela corava. Teve vontade de socar a cara gorda do barão, mas optou por pedir licença, virar as costas, e ir preparar a parelha.

Ele havia notado em Paris que a moça tinha vergonha de seus seios. Agora ele sabia a razão. Em Paris ela estivera sempre com um xale sobre eles e não sabia ela que era o que mais o atraía nela. Pegava-se pensando neles, em tocá-los, sentir o pesado volume em sua mão, beijá-los, mergulhar no vale que se formava entre eles e... O duque percebeu que um volume se formara em sua calça de montaria. Sorriu. Como dizer a ela que ele era louco pelos seios dela, aqueles que o pai dela desdenhava? Não podia falar. Ele era um simples cocheiro para ela e, mesmo se não fosse, cavalheiros não chegavam para as damas e declaravam suas vontades sem pegar nos seios delas.

Harriet era doce, o sorriso dela era meigo, o olhar curioso, mas seu corpo estava fora dos padrões de beleza da sociedade. Na verdade Belvoir não sabia explicar a atração que sentia por ela. Ela estava completamente fora do que era considerado belo, sua cintura não era a mais fina, seus seios eram volumosos, mas ele a queria quase com desespero.

Meia hora depois o barão e as duas filhas embarcavam para Ascot

conduzidos pelo duque Belvoir como cocheiro. As quatorze milhas passaram sem problema. Belvoir conhecia muito bem aquele trajeto, já fora incontáveis vezes às corridas que aconteciam lá, mas algo o intrigava. Harriet mal olhara para ele. Seria por causa do pai ou a sua presença na casa dela a havia assustado?

Quando chegaram a Ascot, o barão desceu primeiro, seguido de lady Alyssa. Harriet Neville desceu por último. Ele estendeu a mão para ajudá-la. Não era usual um cocheiro fazer aquilo, mas quando ele percebeu já o estava fazendo e ela havia aceitado a sua ajuda. Seus olhos se encontraram, ele disse: – Vou apostar em sua égua.

– Não faça isso, por favor. Perderá o seu dinheiro. Precisa dele agora que está noivo.

– Noivo? Eu?

– Sim, o conde escreveu na carta – ela respondeu e baixou seu olhar.

– Ah, o conde. Eu precisava de uma razão para ser contratado pelo barão.

– Não está noivo, então?

– Não.

– Por que veio?

– Você me escreveu – ele respondeu e ela corou drasticamente.

– Recebeu as cartas? Eu pensei... eu pensei...

– Não era para eu tê-las recebido? As pessoas costumam escrever cartas para serem lidas.

– É que... é que... não respondeu a nenhuma delas.

– Eu estou aqui – ele tocou na sua mão.

Harriet puxou a mão repentinamente, pois lady Alyssa olhava para trás e acenava para ela.

– Eu preciso ir. Mas não aposte em Brisa da Manhã. Ela não está pronta.

– Apostarei em sua égua. Se eu perder, você poderá me pedir o que quiser, mas se eu ganhar... – ele a olhou nos olhos –, eu pedirei o que desejar de você.

– Sim – ela balbuciou e saiu apressadamente para encontrar sua irmã.

Belvoir ouviu lady Alyssa dizendo: – O que você e aquele cocheiro têm tanto para conversar, Harriet? Não vê que as pessoas estavam olhando?

– Ele me salvou a vida em Paris, Alyssa. É só gratidão.

Ao passo em que elas se afastavam para encontrar os lordes, seus primos, Belvoir se afastou para fazer a aposta. Não podia ficar visível, pois tanto Edward quanto Robert Percy o reconheceriam de longe. Não somente eles,

mas qualquer outro ali em Ascot poderia reconhecê-lo. Achou um lugar discreto e bastante escondido para assistir a corrida. Infelizmente do lugar não podia ver Harriet Neville. Entretanto, viu que Brisa da Manhã vencera a corrida. Ele estava exultante, não pelo dinheiro que tinha ganhado, mas pelo prêmio que pediria a ela.

O barão voltou radiante. Harriet voltou cabisbaixa. Belvoir daria tudo para ficar a sós com ela e descobrir o que a martirizava. Mas ele tinha ganhado a aposta e ela lhe era devedora. Levou o clã Neville para casa e, como imaginava, o barão mandou soltar a parelha: não sairia mais naquela noite. Ele sim, precisava se encontrar com Pudhoe e os irmãos Percy em Northumberland House. Os negócios não podiam parar. Seu salário como cocheiro não manteria seu padrão de vida. Ele riu.

Seu alojamento ficava em cima das baias dos cavalos. Era modesto e tinha cheiro de mofo. Ele se esgueirou pelos fundos e encontrou a carruagem ducal à sua espera. No Warrens entrou pelos fundos. O gerente já sabia da *aposta* e lhe dera a chave. Trocou de roupa e rumou para sua reunião de negócios.

Mr. Mercer, o mordomo de Northumberland House, o atendeu como de costume. Disse que lorde Edward, o duque de Pudhoe e lorde Robert tinham tido um problema, pediram desculpas e transferiram a reunião para o outro dia, pela manhã. Belvoir lamentou, pois ele não podia durante o dia. Disse isso a Mr. Mercer e pediu que Pudhoe o mandasse avisar que horas na noite seguinte era propícia a ele.

No hotel ele encontrou um envelope de seu secretário e uma carta de seu administrador de Paris. Nem tudo estava perdido. Uma grande soma tinha sido oferecida pelo rei, Luís Filipe I, coroado recentemente, para que os navios da *Rapallini* fizessem a travessia de obras de arte entre França, Itália e Espanha. Ele deveria ir a Paris no prazo de dois meses. Sua mãe não tinha dormido com a metade de Paris à toa. Mesmo morta a sua imagem ainda era reverenciada. Por qual razão o rei resolvera contratar a *Rapallini* senão por essa?

A outra carta continha a investigação que Hughes havia contratado sobre o barão Neville: ela estava falido. Belvoir já imaginava. Casar Harriet com o conde de Northumberland era uma necessidade.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO 6

De volta a Wilshire

Belvoir tinha retornado tarde naquele domingo e entrara pelos fundos do estábulo, ao lado do qual ficavam as baias e seu quarto de dormir. Na noite de segunda-feira ele se ausentara novamente, pois recebera um recado da parte do gerente do Warrens, uma nota vinda de Pudhoe House, na qual Arthur Pearl queria lhe falar.

A reunião foi sem a presença de lorde Edward, mas Robert Percy e o secretário do conde, que representava seu senhor, estiveram presentes. Os três nobres tinham decidido entrar na sociedade da *Rapallini* Inglesa, um braço da *holding* da Itália. Seu secretário não estava presente, de forma que Belvoir pediu o prazo de um mês para efetivarem o negócio. Isso pareceu agradar lorde Robert: – Para mim está perfeito este prazo, Belvoir. Até lá, Hotspur já terá resolvido suas questões e estará presente – disse o lorde, mas de forma discreta. Belvoir arriscou uma indiscrição: – Que problemas pessoais? Lorde Edward vai se casar, é isso? – Pudhoe e lorde Robert se entreolharam. Belvoir temeu que eles soubessem de seu plano.

– Bem, creio que Belvoir ainda não sabe de tudo, Robert. Lorde Percy sorriu, irônico.

– Conte para ele, então, Sua graça – disse lorde Robert.

– Belvoir, a novidade é que nosso conde de Northumberland está apaixonado – brincou o duque.

– O grande conde Hotspur vai sossegar, então?

– Não sei dizer, Belvoir, mas a moça da terra da valsa parece que virou a cabeça de Hotspur.

– E lady Neville nessa história? – Belvoir perguntou.

– Nem fala de Neville. O barão esteve em Northumberland House conversando com Edward. E pela cara dos dois, eu não sei não... – disse lorde Robert.

– E o seu casamento com lady Mortimer, lorde Robert? Quando vai acontecer – Pudhoe brincou.

– Ainda é muito cedo para se pensar em casamento, Sua Graça. Creio que meu outro tio terá que se acalmar.

BELVOIR saiu tarde daquela reunião e foi direto para a casa Neville. Não passou no Warrens para se trocar. Desceu da carruagem ducal duas quadras antes e foi a pé. Quando abriu o portão dos fundos e entrou na propriedade, ele a viu. Escondeu-se. Se ela o visse descobriria a farsa. Do local onde estava ele podia observá-la sem ser visto. Harriet usava um manto branco sobre o corpo, parecia uma manta de lã, mas mesmo com todo aquele volume, ele a reconheceu. Seus cabelos loiros brilhavam como neve e ela parecia quase uma aparição. Ela olhava para o quarto onde supunha que ele estivesse. Belvoir teve vontade de ir até ela e tomá-la em seus braços, mas não podia estragar tudo. *Apenas mais um dia*, ele se dizia todos os dias. Harriet se afastou lentamente, Belvoir com poucas passadas chegou ao seu quarto e em poucos minutos tinha trocado a fina roupa de duque pela pobre indumentária do cocheiro. Vestiu uma capa rústica para se proteger do frio e desceu. Ela tinha desaparecido sob as árvores. Ele caminhou rápido. Avistou-a. Em poucas passadas estava atrás dela: – Estava à minha procura? – ele perguntou.

- Não – ela respondeu, assustada.
- Eu a vi olhando para o meu quarto.
- Por que não veio antes então?
- Eu queria saber a força da sua vontade.
- Queria que eu congelasse – ela respondeu, empinando seu belo nariz.

Naquele momento vermelho de frio.

- Venha comigo – disse ele, arrastando-a de volta para o seu quarto.
- Eu não posso ser vista aqui.
- Estão todos dormindo.

Ela hesitou, depois caminhou. Chegando lá, olhou para o modesto quartinho, nada falou, e sentou-se encolhida na ponta da cama dele. Não havia outro lugar para sentar senão na estreita cama.

- Por que está aqui? – ela perguntou.
- Aqui onde? Em sua casa?
- Parece óbvio – ela respondeu.
- Você escreveu-me. Estava mentindo nas cartas?

Ela novamente hesitou. Como ela não respondeu, ele falou: – Nas cartas você dizia que sentia a minha falta, mentia?

- Não, é lógico que não, mas tudo mudou...
- O que mudou?
- Nada, é que eu não esperava que viesse...

- Estava brincando comigo em Paris quando se derretia em meus braços?
 - Não, mas eu estava longe de casa e Paris é... tão... tão... liberal...
 - Então me usou? – ele perguntou.
 - Não. Você também pareceu gostar.
 - Se era só um romance de férias, por que me escreveu, Harriet?
 - Eu não posso, não entende? Àquela época eu achei que pudesse, mas eu não posso... – ela ficou de pé.
 - O que a está impedindo? Case-se comigo.
 - Você nunca vai entender... somos de mundos diferentes... meu pai... preciso me casar com... estou noiva de meu primo.
 - Noiva? Então é verdade o que me disse em Paris? Qual o nome de seu noivo mesmo?
 - Não posso dizer. Desculpe-me. Você deve voltar para Paris, não pode ficar aqui, eu não posso ficar olhando para você... isso está me enlouquecendo...
- Belvoir não esperou que ela terminasse. Deu um único passo e a tomou em seus braços. Harriet não protestou. Parecia que o queria tanto quanto ele a ela. Belvoir beijou-a de forma que não havia contestação. As pernas de Harriet estremeceram e seu corpo ameaçou cair. Ele a tomou nos braços e estendeu-a na cama, deitando-se sobre ela. Harriet gemeu. Seus corpos estavam colados. Ele a sentia sob ele, macia, sedenta, derretendo e clamando pelo seu rijo corpo. Ela o sentia forte, poderoso e ameaçador. As mãos de Belvoir acariciavam seus braços, das mãos aos ombros, roçando lentamente os volumosos seios dela. Ele estava muito excitado, queria tocá-los, beijá-los. Quando sua mão desceu lentamente para o decote, e seu dedo roçou em seu mamilo, ela protestou veementemente: – Não!
- Por quê? – ele perguntou em seus ouvidos, quase um gemido.
 - Eu... não... por favor, aí não.
 - Eu os adoro! Sou louco por eles – ele disse, gemendo de desejo.
 - Não pode ser verdade. São odiosos, imensos, eu os odeio.
 - Mas eu os amo – ele respondeu, beijando-a.
 - Está brincando comigo. Nunca homem nenhum disse que me desejava assim. Não faço o tipo de nenhum deles.
 - Faz o meu, Harriet. Eu a desejo demais, como nunca desejei outra.
- Eles ouviram um disparo de arma de fogo.
- Ai, meu Deus! É meu pai. Ele vai te matar.
 - Fique calma, espere aqui – disse ele, saindo do quarto.

Do lado de fora estava o barão, seu cocheiro, aliás, o cocheiro do duque de Belvoir e este o olhava como se visse um fantasma. O barão apontava a arma para o cocheiro que, pálido como a morte, não conseguia balbuciar uma única palavra.

– O que está acontecendo? – perguntou Belvoir.

– Eu estava chegando a cavalo quando vi a carruagem do duque de Belvoir parada a duas quadras daqui, pois lorde Turner reconheceu o brasão do duque, e esse camarada estava nela.

Belvoir viu todo seu plano ruir e nenhuma ideia lhe ocorria. *O que faria?* Se falasse a verdade ele teria Harriet Neville como sua esposa, mas nunca saberia se ela o amava de verdade. Ocorreu-lhe uma ideia.

– Milorde, solte o homem. Ele, de fato, está trabalhando para o duque de Belvoir. Meu primo, Hughes, é o secretário do duque. O duque está hospedado no Warrens e meu primo me entrega as correspondências, lembra-se?

O barão hesitou. Parecia acreditar na história. Baixou a arma.

– Hughes, o secretário do duque de Belvoir é parente de um cocheiro sem eira nem beira?

– Sim – o cocheiro conseguiu responder.

– Você conhece o duque? – o barão perguntou para Belvoir.

– Sim, milorde, muito. Hughes trabalha para ele há muitos anos e eu já conduzi Sua Graça em Paris na carruagem do conde Raspail.

Bingo!

O barão acreditou. Belvoir suspirou. O cocheiro suspirou. Ambos estavam salvos.

Belvoir torcia para que Harriet não tivesse escutado aquela conversa. Ela se lembrava do nome Belvoir e certamente não era obtusa para ligar os nomes. Ele estava surpreso que ela já não o tivesse feito. O fato é que a sua ausência de Londres tinha feito as pessoas esquecerem um pouco o seu nome.

– Então o duque roubou o meu cocheiro – disse o barão.

– Não sei dizer, milorde. Mas acho que seu secretário deve ter feito uma boa oferta...

– Sim, sim – o cocheiro respondeu. – Há meses milorde não pagava meus salários, tenho família...

– Saia daqui, seu mercenário – gritou o barão. Belvoir o olhou duro e ele baixou a arma, virou as costas e foi cambaleando para casa.

– Maldito bêbado – murmurou Belvoir.

Quando ele voltou para seu quarto, ela já tinha ido embora. Decerto aproveitara a comoção no jardim para fugir de volta a seu quarto.

Casa Neville, Londres, uma terça-feira de fevereiro de 1831.

Sua Graça, Perdão pela ousadia, mas lembro-me que ofereceu o solar de Wilshire caso eu quisesse passar uns dias fora de Londres. Se sua oferta ainda estiver de pé, terei prazer em aceitá-la.

Harriet Nevile.

Algumas horas mais tarde:

Pudhoe House, Londres, uma terça-feira de fevereiro de 1831.

Cara lady Neville, O nosso solar de Wilshire está à sua disposição. Já enviei uma nota aos Langley para que eles preparem a casa para recebê-la. Fique o tempo que desejar. Não poderei me ausentar de Londres no momento, mas creio que conseguirá entretenimento lá. Tenho ótimas lembranças de Wilshire, espero que seja tão feliz lá como eu fui.

Os melhores cumprimentos, Leonora.

Na quarta-feira à noite, Belvoir foi comunicado no seu quarto, pelo mordomo que as ladies Neville iam viajar e que ele iria levá-las ao solar dos Pudhoe em Wilshire no outro dia bem cedo. Ele conhecia muito bem o lugar e o pior é que os Langley também o conheciam bem demais.

– Maldição! O que fazer? Teria que contar a verdade ao duque. Imediatamente escreveu uma carta.

Londres, uma terça-feira de fevereiro de 1831.

Pudhoe, Preciso de sua ajuda. Estou numa enrascada. Lembra-se que entreguei à Sua Graça uma carta do conde de Raspail para ser entregue ao barão Neville? Era uma armação para que eu mesmo fosse contratado como cocheiro do barão. Acontece que conheci lady Neville em Paris, ocasião em que ela sofreu um acidente, e eu a socorri. Só que eu dirigia a minha própria carruagem – o motivo não vem ao caso agora – e ela me tomou como cocheiro. Mesmo assim ela gostou de mim. Sua Graça sabe da minha aversão por casamentos por interesse, e sabe de toda a minha história pregressa. Bem, eu quis conhecer lady Neville de perto. Estou como cocheiro dos Neville. O problema é que lady Neville vai para Wilshire e os Langley me conhecem e vão me desmascarar.

Belvoir.

Pagou muito bem a um laçao para que ele fizesse aquela carta chegar o mais rápido possível ao duque de Pudhoe. E chegou.

– Meu próprio sogro me traindo – disse Pudhoe.

– O que foi, meu amor? – perguntou Leonora.

– Leia você mesma, querida – disse ele, rindo.

– E Belvoir traindo um de seus melhores amigos. O que Hotspur dirá disso? – disse a duquesa.

– Comemorará! Edward está apaixonado por Eliza, é óbvio.

– Meu Deus! O que está acontecendo com o quarteto do norte? – disse Leonora, rindo.

– Estamos virando um bando de baba-saia.

– Baba-saia, não, meu amor. Estão se apaixonando.

– O que vamos fazer a respeito, Leonora? – perguntou o duque.

– Enviar uma carta agora para os Langley – disse Leonora.

– Mandando-os para o Norte de novo? – ele riu, aproximando-se da esposa e beijando-a.

– Seria perfeito para Harriet. Ela merece ser feliz. Sempre foi tão desprezada aqui em Londres e ela tem uma beleza tão dela...

– Beleza? – Arthur Pearl disse.

NACIONAIS-ACHERON

- Sim, Pearl. Belvoir a enxergou.
- Belvoir foge da beleza por causa da mãe dele. Você conhece essa história?
- Não – respondeu a duquesa.
- Venha aqui que eu vou te contar.

O DUQUE de Pudhoe enviou uma nota aos Langley mandando-os para Pudhoe Castle, pois a propriedade necessitava de reforços. Pediu para deixar lá apenas um cavaleiro e uma criada que fizesse o papel de cozinheira, arrumadeira, ama, *etc.* Mas Leonora ainda não estava satisfeita, pois tinha lady Alyssa que certamente iria com Harriet. A baronesa viúva de Patchetts jamais permitiria que a sobrinha viajasse sem acompanhante. O que fazer para que lady Alyssa não fosse e deixasse Harriet sozinha com Belvoir?

Leonora procurou lady Leanah Douglas e lhe contou toda a história. Comovida, lady Leanah, que era uma excelente dama, sugeriu que lady Alyssa fosse convencida a ficar em Londres com ela. Agora como fazer isso sem parecer uma armação? Leonora sabia que lady Alyssa não gostava do campo e que estava interessada em conhecer a enorme Biblioteca da mansão Douglas em Londres, famosa por ter todos os melhores livros disponíveis. Elas fariam uma visita muito cedo à casa Neville.

Harriet estranhou quando seu mordomo lhe disse que a duquesa de Pudhoe e lady Douglas estavam à sua espera na sala de estar. O que teria acontecido? A duquesa teria se arrependido de ter-lhe cedido o solar? Logo agora quando ela queria fugir de Londres, dos mexericos envolvendo seu nome, o nome do conde, seu primo, e o nome da estrangeira?

Foi recebê-las.

- Sua Graça, lady Leanah, que surpresa! – disse Harriet.
- Deve estar curiosa com as nossas presenças aqui tão cedo, Harriet – disse Leonora, que se envergonhava de enganar a amiga, mas era para seu próprio bem. Ela lhe agradeceria no futuro.
- Sabe o que é, lady Neville, é que lady Leanah está precisando de uma acompanhante e eu pensei se lady Alyssa não podia passar uns dias com ela em Douglas House. Eu mesma a acompanharei a Wilshire. A lady vai hoje e amanhã bem cedo estarei lá.

Harriet achou aquilo muito estranho. Lady Leanah mal conhecia Alyssa e

a duquesa estava estranha. Mas ela não podia responder pela irmã. Seu pai havia voltado ao Norte e não estava ali para opinar. A tia duquesa estava adoentada – coisa que Harriet se culpava, mas não lamentava a sua ausência – de forma que ela teria que consultar somente a irmã. Para sua própria surpresa, Alyssa adorara a ideia de passar uns dias em Douglas House.

– Devo ser uma companhia muito monótona mesmo – disse Harriet para a irmã.

– Ah, Harriet, não fique assim. Eu odeio o campo e eu soube que Douglas House tem a maior Biblioteca de Londres.

Dessa forma foi mais fácil do que a duquesa de Pudhoe imaginava. Lady Alyssa foi com lady Leanah e Harriet Neville partiu para Wilshire com o duque de Belvoir como seu cocheiro. E sozinhos.

CAPÍTULO 7

O solar

Belvoir não recebera qualquer comunicado da parte de Pudhoe, de forma que viajou bastante apreensivo. Em sua mente, em última instância, decidiu que compraria o silêncio de todos os Langley. *Era isso*. Se fosse necessário os subornaria, mas nada estragaria seus planos. Já se submetera ao frio e ao vento vezes demais para que recuasse agora.

O solar dos Pudhoe era uma daquelas construções de pedra que trazia a herança arquitetônica do século XVII. Cercada por frondosos olmos ela ficava escondida até que o visitante já estivesse às portas da mansão. À esquerda da construção, colinas pontilhadas de carvalhos e sicômoros tremulavam como ondas do mar e lá longe um monte acinzentado destacava-se em meio à imensidão verde. Harriet ficou impressionada com o tamanho da casa e a beleza do lugar e se perguntou se o duque e a duquesa costumavam visitá-lo muitas vezes.

Belvoir parou em frente ao solar e colocou a escadinha para que Harriet descesse. Mas ela não desceu, ficou olhando para ele à espera de algo. Como ele não visse sequer uma pessoa pegou-a pela cintura e a colocou no chão. Harriet não se queixou do tratamento.

Um cavalição que fazia a vez de lacaios pegou as malas da dama e Harriet o seguiu para dentro da casa. Belvoir esperou do lado de fora sem saber o que fazer. Uma empregada se aproximou e o convidou a entrar: – O duque, meu patrão, pediu que lhe designasse um quarto dentro da casa, senhor.

– Pudhoe? – ele perguntou surpreso –, onde estão os Langley?

– Sua Graça os enviou para Pudhoe Castle, no Norte.

Belvoir sorriu. *O amigo resolvera ajudá-lo. Estava salvo. Não haveria suborno*. Então não ficara magoado com a sua *traição*.

Belvoir sabia que essa mesma tática de mandar os Langley para o Norte fora usada no passado quando o duque Pudhoe quis ficar a sós com Leonora, na época, a ama da duquesa viúva de Pudhoe.

A moça o levou aos aposentos do próprio Pudhoe.

– Não posso ficar aqui. Não tem um quarto mais modesto? – Belvoir protestou.

– Sua Graça mandou colocá-lo aqui.

– Mas... por quê? – Belvoir olhou para um baú ao lado da cama. – Este

baú é meu?

– Sim, mandaram entregar aqui – respondeu a jovem que já estava ficando assustada.

– Eu não entendo. Sou um simples cocheiro.

– Sua Graça, o duque, mandou que seu secretário nos dissesse que um duque chegaria aqui disfarçado de cocheiro. Que era para ser atendido como duque. O quarto escolhido é... porque tem ligação com o da dama – a serva estava vermelha.

– Mas a lady não deve saber – Belvoir disse, por fim.

– Sim, o secretário do duque nos alertou sobre isso também.

– Como se chama? – Belvoir perguntou.

– Amy – ela respondeu timidamente.

– Amy, eu sei que Pudhoe teve as melhores intenções, mas pode me arrumar um quatinho mais modesto? Um na ala dos empregados?

– Sim, Sua Graça. Se é isso que milorde quer.

– Sim, é exatamente como um cocheiro que desejo ser tratado.

APÓS mudar de aposentos, Belvoir saiu à procura de Harriet. Não a encontrou nos jardins e soube que ela estava descansando. Ele, portanto, saiu para cavalgar. Estava cheio de energia e precisava extravasá-la antes de encostar suas mãos na moça. Seu desejo por ela era tão intenso que podia machucá-la. Ele se conhecia, conhecia seu corpo, conhecia como ele reagia ao dela. Num ímpeto, podia feri-la sem querer e ele não deseja machucá-la. Viu-se sentindo ternura por ela. Um sentimento novo que se alojara em seu peito no dia em que ouviu lorde Neville humilhando-a.

Cavalgou por horas e quando voltou ela já havia jantado. Jantou sozinho na cozinha como fazem os empregados. Foi para seu modesto quarto, banhou-se, vestiu uma calça e uma camisa, simples, mas não seu uniforme de cocheiro, e deitou pensando em como abordá-la para cobrar a dívida que ela tinha para com ele. Sabia exatamente o que queria como pagamento. Ela se recusaria, mas ele insistiria, seria bom para ela, ele sabia.

Uma batida leve na porta. Ele respondeu: – entre. Ela entrou. Vestia apenas uma camisola e um xale sobre os seios. Ele levantou espantado. Ela viera até ele, para quê?

– O que deseja, lady Neville? Quer que eu a leve a algum lugar? Creio

que não esteja vestida para sair... – ele riu, irônico.

– Sim, desejo que me leve a algum lugar.

– Aonde? – ele perguntou, rouco.

– A Paris – ela respondeu.

– Por que Paris?

– Porque eu nunca fui tão feliz como eu fui lá.

– Sabe o que está pedindo? Não terá volta se for a Paris...

– Eu quero. Pode me levar?

Ele não respondeu. Aproximou-se dela e roçou de leve seus dedos na face dela. Os olhos dele perscrutavam os dela em busca de resposta.

– Armou isso aqui para ficar sozinha comigo? – ele perguntou, baixinho.

– Sim – ela respondeu.

– Para pagar a dívida que tem para comigo?

– Vai cobrá-la?

– Sim. Vou cobrá-la, não tenha dúvida disso.

– O que vai querer? O que deseja?

Ele a beijou antes de responder. Tinha sentido tanto a falta dela. Abraçou-a demoradamente, voltou a beijá-la e muito tempo depois sussurrou sem seus ouvidos: – Desejo ver seus seios. Quero que os mostre para mim. Este é meu prêmio.

– Peça qualquer coisa, menos isso – ela parecia desesperada e se embalava em seu xale como para se proteger.

– O que veio me oferecer então, Harriet? – ele perguntou.

– Pode me ter sem ver meus seios...

Ele não podia acreditar que ela tivesse lhe dito aquilo. Daria a ele a sua virtude, mas não mostraria seu corpo?

– Não quero um corpo que eu não possa vê-lo, tocá-lo, senti-lo. Eu os adoro, Harriet. Desejo-os – ele lhe tocou no rosto e seus dedos roçaram de leve seu pescoço, detendo-se acima dos seios dela.

– São feios. Vai desistir de mim quando vê-los...

– Eu lhe prometo que não. Eu os adoro, sempre desejei uma mulher com seios assim. É o que me atrai, deixe que os toque, Harriet. Fecharei meus olhos e só os sentirei. Por favor – ele sussurrou.

Ele fechou os olhos e a beijou. Um beijo apaixonado, cheio de desejo. Não levou à mão aos seios dela, mas a trouxe para si. Ela sentiu seu corpo colado ao dele, abraçou-o e roçou os seios nele. Belvoir gemeu e a apertou mais: – Harriet, Harriet, minha querida. Eu a quero – e voltou a beijá-la.

Acariciou seus braços levemente, e suas mãos roçaram a lateral dos macios seios. Ainda beijando-a, com uma das mãos tomou um deles. Ela estremeceu, ele gemeu alto e apertou aquela massa deliciosa.

– Oh, Harriet, eu o adoro. Deixe-me beijá-los senão eu morrerei.

Ela não disse sim, mas também não disse não. Ele, devagar, levantou o xale e, de leve, para não assustá-la, roçou um dedo de leve num mamilo. Ela gemeu e ele a beijou, intensificando o toque, tomando um deles em sua mão. Ela tinha cedido. Ele lentamente retirou o xale. Sempre beijando-a e murmurando o quanto ela era linda, deliciosa. Baixou a camisola lentamente para vê-los. Precisava vê-los. Eram lindos. Volumosos. Macios. Ele levou sua boca a eles. O desejo de levar seu rosto naquele vale e cheirá-la, chupá-la era imenso. Ela, muito excitada, não mais se envergonhava.

– Tenha-me. Não aguento mais. Dói.

– O que dói, meu amor?

– Ela mostrou, levando uma mão ao meio das pernas. Ele seguiu a mão dela com a dele. Levou-a até sua cama, sentou-a na beirada, levantou a camisola e a tocou lá. Ela estava pronta para ele, úmida, convidativa.

– Quero beijá-la aqui – ele mostrou com a mão onde queria beijá-la.

– Beijar-me aí?

– Sim – disse ele, tomando os dois seios nas palmas de suas mãos e beijando-os. Ficou acariciando-os por vários minutos e depois desceu lentamente até o umbigo. Sua língua explorando aquela pele quente e gostosa. Desceu mais. Tomou-a e puxou para sua boca, fazendo Harriet gritar.

– Eu o quero dentro de mim.

– Pode doer, meu amor.

– Por favor, eu o quero, eu preciso.

– Deixe-me vê-la nua, tire toda a roupa para mim.

Ela o fez. Ele estava louco por ela. Queria-a. Ela era linda, macia, ele gostava de pegar a sua carne e apertar.

– Quero vê-lo. Mostre-se para mim.

– Se eu ficar nu não teremos como parar.

– Não quero que pare – ela segurou os braços dele e o trouxe para si.

Ele se despiu. Era lindo. Harriet, nem em seus sonhos mais gentis vira tamanha beleza. Ele se aproximou dela, as pernas de Harriet o cercaram puxando-o para ela. Ele foi. Beijando-a levou sua mão e tomou o seio dela. Gemeu e percebeu que ela o cativara de vez.

– Temo machucá-la. Sou grande. Dói na primeira vez.

– Não tenho medo. Eu o quero.

– E seu noivo?

– Eu não o amo, quero você, por favor, me tenha.

Ele não se continha mais. Tomou-a. Colocou a cabeça, mas Harriet o puxou e ele entrou numa estocada só. Não houve impedimento, nem grito de dor, apenas gemidos de prazer. Ele, percebendo que ela não era inexperiente, estocou-a com todo o seu desejo.

– Ah, Harriet, por que não me disse que gostava disso? Podíamos ter feito há muito tempo.

– Eu gosto – ela gemeu. – *Whole* – ela pediu.

– *Whole*?

– Sim, *whole*, mais, mais... ela pedia e ele dava até chegarem juntos, agarrados um ao outro, num profundo gozo.

CAPÍTULO 8

Dúvidas do passado

O duque de Belvoir estava muito embaraçado. Ela se entregara a ele sem hesitar e não era virgem. Ele não sentira nenhuma barreira, muito pelo contrário, ela o recepcionara como se já tivesse recepcionado dezenas de outros. Um ciúme o atormentava. Seria Harriet Neville aquele tipo de dama que dormia com cavaleiros, cocheiros, fossem eles apenas homens atraentes? Seria ela outra Justine Oldoini Rapallini Bienfait? Ele havia fugido de uma dama bela, pois jamais quisera para si o que seu pai passara com a condessa di Bienfait. Nunca se sentira atraído pelo *belo demais*, uma repulsa que ele sabia que se devia ao seu histórico familiar. Lady Neville estava longe de ser considerada bela demais, mas seria uma devassa?

Ele rolou na cama e acordou muitas vezes naquela noite. As cenas do que eles tinham vivido estavam acessas em sua mente. O corpo voluptuoso dela, seus seios volumosos, lindos, ele os adorava. A voz. Quando ela falava em seus ouvidos ele ficava louco.

Acordou cedo, tomou seu desjejum acompanhado da única criada da casa, mas mal falou com ela. Seu estado de humor era terrível. Caminhou com passadas largas em direção ao estábulo, arriou ele mesmo um animal e foi cavalgar. Por várias horas esteve longe do solar. Precisava pensar. Não podia se prender a uma mulher devassa. *Quem fora o homem que roubara aquilo que lhe pertencia, a sua pureza?*

Quando retornou estava decidido a ir embora. Sair da vida de Harriet Neville e voltar para Paris, de onde não devia ter voltado, e onde lady Neville não tinha que ter ido perturbar a sua paz de espírito. Estava muito bem dormindo com as amantes alheias.

Procurou por ela, mas não a encontrou. A serva dissera-lhe que lady Neville tinha saído para caminhar. Ele saiu à sua procura, andou pelos jardins, no em torno da propriedade, perguntou por ela ao cavaleiro, mas ninguém sabia onde ela tinha se metido.

Maldição! Não posso ir embora sem me despedir. Ela vai pensar que é por causa do tamanho dos seios. Uma ternura o envolveu novamente.

–Maldição! Não vou me apegar a uma devassa – praguejou baixinho.

Ele esperou por ela, mas ela não apareceu. Parecia que estava se escondendo dele. A noite chegou e ele não a tinha visto. Na hora do jantar ele

a procurou novamente. Amy dissera que a lady estava indisposta e que tinha jantado em seu quarto.

– Quando ela retornou? – ele perguntou, pois tinha vigiado a entrada do solar o dia todo.

– Ela esteve o tempo todo na casa, milorde.

– Mas você me disse que ela tinha saído.

– Ela disse que ia dar uma volta, milorde. Fui cuidar dos meus afazeres e não a observei saindo e nem voltando. Mais tarde que percebi que ela estivera na Biblioteca lendo e depois em seus aposentos.

Ele subiu a escada em poucas passadas. Pensou em bater na porta do quarto dela, mas teve outra ideia. Entrou no aposento que Pudhoe havia lhe destinado, e ele rejeitara, e passou pela porta contígua. A porta abriu suavemente, sem barulho. Ela estava deitada em sua cama, parecia dormir. A única luz do quarto vinha da lareira. Belvoir ficou observando-a. Sentou numa *chaiselong*, com uma das mãos sob o queixo a contemplou por vários minutos em silêncio. Até que observou que o corpo dela estremecia como se ela chorasse. Em segundos estava ao seu lado na cama: – Harriet, Harriet – ele a chamou, tocando em seus ombros. Ela levantou-se sobressaltada.

– Estou sonhando?

– Não, estou aqui. Está chorando, por quê?

– Como entrou aqui? A porta está trancada, a janela é alta – enquanto ela falava, ela mesma olhou para a porta do quarto contíguo ao seu. – Não pode estar aqui – ela concluiu por onde ele entrara.

– Por que, não? Estivemos ontem à noite juntos. Não acha que é um pouco tarde para ter esse tipo de escrúpulo?

Ela corou.

– Eu não posso... não podemos mais. Foi um erro.

– Está arrependida? – ele lhe perguntou e sua voz estava terna.

– Sim – ela disse, e lágrimas saíram de seus olhos molhando ainda mais uma face já úmida.

– Eu não a forcei. Por que se arrependeu. Não gostou?

– Eu sei que não me forçou. Você foi honrado, eu é que... não devia... não podia... sou noiva de outro homem.

– O conde Hotspur não vai se casar com você – ele disse, estava furioso.

– Conhece lorde Edward Percy, o conde de Northumberland? Como?

– Em Paris. Na casa do conde Filippo Raspail.

– Ah! E acha que ele não vai se casar comigo porque tem vergonha de

mim, por causa dos meus... – ela olhou para baixo, estava de camisola, e seus volumosos seios estavam livres. Ele teve vontade de tocá-los, acariciá-los e mostrar a ela que ele os adorava.

– Não tem nada a ver com eles. São maravilhosos. Eu os adoro – ele disse com ternura, tocando-os de leve. Ela estremeceu. – Ouvi dizer que o conde está envolvido por uma prussiana – ele falou. Harriet balançou a cabeça como se concordasse.

– Mas meu pai arrumará outro nobre, qualquer um, mas jamais permitirá que eu me case com um... – ela interrompeu a frase e ele concluiu: – Com um cocheiro.

Ela olhou para ele. Seus olhos suplicavam perdão.

– Deixe-me lhe perguntar uma coisa, Harriet. Se pudesse escolher, se casaria comigo? Um simples cocheiro?

Ela pensou bastante. Depois do que ele pensou que ela não responderia, ela disse: – Sim.

– Então fuja comigo para Paris. Casar-nos-emos lá.

– Não posso. E Alyssa? Seria um escândalo. Ela jamais arrumaria um marido digno. E como vamos viver? Você não tem dinheiro para pagar pelos meus vestidos... acha que posso trabalhar lá?

– Creio que sim. É instruída, pode dar aula de Inglês – ele respondeu.

– Não tenho o direito de pensar só em mim. Não podemos nos ver mais. Quero que vá embora, que arrume outro trabalho, melhor voltar para Paris.

– Não vou voltar – ele bradou com raiva e segurou-a com força. Ele a queria para si.

– Não podemos continuar a nos ver! Não entende? Não podemos, posso estar... você sabe o que acontece quando um homem e uma mulher se deitam. Seria um escândalo maior que fugir com um cocheiro.

– Você já pode estar esperando um filho meu – ele respondeu. Ela estremeceu de pânico.

– Eu vou me casar com o conde de Northumberland.

– Não, não vai – Belvoir, tomado por um ciúme intenso, apenas por imaginar que outro homem a tocaria, beijou-a com fúria, tocando no corpo dela com posse. O corpo de Harriet estava sob o dele, que a tomava como se ela lhe pertencesse. Ela reagia, batendo em suas costas, mas ele não cedia. Ele era forte, grande, e a subjugou facilmente.

– Me solte seu... – ela tentou falar, mas a boca dele capturou a dela num beijo profundo. Harriet tentou ainda protestar, mas quando ele a tocou sob a

camisola, e percebeu que ela estava toda molhada para ele, Belvoir a penetrou com uma única estocada. Ela era macia, quente, uma temperatura que ele nunca sentira antes, e ele saciou-se, levando-a a gritar seu nome, não o chamava de Oliver, mas de Belvoir, sem saber que aquele era o nome do duque e não do cocheiro.

Muito mais tarde, depois de tê-la tomado várias vezes, ele saiu do quarto em direção ao seu humilde aposento na ala dos empregados, decidido que se casaria com ela.

HARRIET acordou cedo decidida a fugir com ele para Paris. Teria que fazê-lo dali, pois se voltasse a Londres sabia que mudaria de ideia. Mas logo depois do desjejum, quando ia procurar por ele e dizer que seria dele para sempre, um laçao de Londres, a mando da tia baronesa, trazia uma carta para ela. Nela, a baronesa ordenava que voltasse imediatamente para Londres, na carruagem dela e com o seu condutor e não *“com esse maldito cocheiro que seu pai contratou contra todas as minhas recomendações”*, como a tia escrevera, pois lorde Edward Percy tinha ido à casa Neville à sua procura. A tia já tinha mandando avisar o barão, no Norte, e ele já estava voltando para Londres. *“Um noivado entre os Percy e Neville, que há gerações acontecia, iria acontecer de novo”*, a tia tinha escrito.

Harriet pensou em fugir. Mas a tia parece que previra aquilo também. Enviara a sua própria ama, uma *sargentona* chamada miss Wilson, e ela não teria como escapar. Em poucos minutos o seu baú estava arrumado e ela estava a caminho de Londres. Para Belvoir deixou uma nota de despedida.

Wilshire, fevereiro de 1831.

Minha tia mandou me buscar em sua própria carruagem. Algo aconteceu em Londres e precisam de minha presença lá. Não me procure mais. Não poderemos nos ver novamente. Volte para Paris e case-se com uma moça de sua classe social. Nosso amor é impossível. Agradeço por não ter me

rejeitado. Serei eternamente grata por tê-los “adorado” como você disse. Não sabe o bem que me fez. Mesmo estando longe, serei sempre a sua Harriet.

Eu.

CAPÍTULO 9

Temporada de Londres

Londres, uma quarta-feira de fevereiro de 1831.

– *Mesmo estando longe, serei sempre a sua Harriet* – ele repetiu. – Minha Harriet, maldição! – ele repetiu furioso. Fora deixado para trás, como um pedaço de pau velho, rejeitado. Belvoir estava indignado. Tinha certeza que o *algo* que havia acontecido tinha a ver com o conde de Northumberland. Pois mostraria a ela que não se brincava com ele. Nunca perdera uma batalha, não depois de adulto, mulher nenhuma rejeitava o duque de Belvoir. Havia sido rejeitado pela mãe, mas prometera a si mesmo que nenhuma mulher na face da terra jamais o rejeitaria de novo.

Se lorde Edward pensava que lhe tomaria lady Neville ele arrumara um inimigo. Logo que pensou isso uma voz veio acusá-lo, afinal, ela era noiva dele antes de ele tê-la conhecido. *O desgraçado do Hotspur não gosta dela. Ele nunca gostou de damas peitudas. Harriet, definitivamente, faz o tipo dele. Ele pode até de casar com ela, mas para cumprir aquela maldita tradição de família. Vai fazê-la sofrer, certamente.*

Naquele mesmo dia, mais tarde, em Londres.

O conde de Northumberland odiava o Almack e a *ton*, mas lorde Neville, seu tio, tinha lhe enviado uma carta daquelas cobrando-lhe o acordo que seu falecido pai fizera com ele. Ele era honrado. Por mais que detestasse aquele acordo, teria que cumpri-lo. Tinha prometido ao tio acompanhar lady Neville e sua irmã – debutante à procura de casamento – ao baile daquela noite. O tio lhe dissera que se ele e lorde Robert dançassem com a prima mais nova, ela atrairia bons candidatos à sua mão. Não teve como dizer não, afinal, sentia certa culpa em relação a Harriet.

Lorde Percy sabia que o tio queria aproximá-lo da sua prometida *noiva* e adiantar o casamento entre os primos. Ele, todavia, precisava de um herdeiro Northumberland e, evidentemente, o lorde queria que sua filha fosse – como tradicionalmente vinha acontecendo há algumas gerações – a mãe desse herdeiro. Ele não achava Lady Neville feia – feia ela não era – mas não era nenhum desafio para ele, portanto, não lhe atraía. Ele sabia que a prima lhe seria submissa, mas ele sempre fora o tipo de homem que nunca gostara de

montar cavalo manso; gostava da energia dos animais imperiosos, que exigiam muito dele, consequentemente eram muito mais velozes.

Na verdade, lady Neville era doce demais; meiga demais; aquela voz dela o enervava. Sua vida ao seu lado seria enfadonha e aborrecida. Ele não conseguia imaginar Harriet Neville inebriada pela paixão, mas já a outra... Céus! Ele precisava esquecê-la! Marcaria aquele casamento com sua prima na primeira oportunidade e seguiria sua vida uniforme e tediosa.

Já passava das nove quando ele e lorde Robert saíram de Northumberland House na carruagem do conde. Tinha combinado com o barão que entrariam juntos, ele com Harriet e o irmão com a ninfeta, lady Alyssa, de dezessete anos, o que muito aborreceu o irmão que, destemperado, bradou que “já lhe bastava lady Mortimer, sua *prometida*, que com certeza estaria lá com o pai, a mãe e as irmãs para lembrá-lo do maldito acordo feito por seu pai”.

– Um acordo que o senhor vem descumprindo – respondeu o conde.

– E você, Edward, cumpriu o seu? Harriet, como disse nosso tio, está passando da idade de se casar, e você? O que faz? Esconde-se em Alnwick Castle há milhas e milhas de Londres para não sofrer pressão – lorde Robert desabafou, e uma veia em seu pescoço pulsava.

O conde resmungou alguma coisa e desconversou, pois sabia que o irmão estava coberto de razão. Um dos motivos para fugir de Londres era a pressão que o barão e a tia baronesa da moça faziam sobre ele. E, como irmão de sua mãe, ele tinha o dever de ser cortês, caso contrário ele já teria desfeito aquele acordo há muito tempo, afinal, seu pai não fora tão honrado assim para que a sua palavra tivesse que ser cumprida a qualquer preço.

Como ele imaginava, o Almack estava uma maçada. Repleto de recém-saídas da escola, com espinhas no rosto e gordura adolescente na cintura, com suas ávidas mães à procura dos melhores partidos da Inglaterra para as filhas. Olhava por cima da cabeça de lady Neville – que por sinal estava falando àquele dia, tinha trocado uma meia dúzia de palavras com ele – à procura de algum amigo para buscar as escondidas mesas faraó^[5] para passar a noite, uma vez que nem bebida decente aquele *clube de moça* oferecia. Dançaria uma vez com cada prima e iria embora, estava cansado da viagem, o barão que o perdoasse, mas já fora sacrifício demais comparecer ali.

– Hotspur, estou surpreso em vê-lo por aqui – disse o duque de Pudhoe, cumprimentando antes lady Neville e perguntando se tudo ocorrera bem em Wilshire. Ele nem sabia que Harriet estivera no solar de Arthur Pearl em Wilshire. Harriet respondera que sim e lorde Edward notara que ela corara.

– Sua Graça – o conde cumprimentou a duquesa, gentilmente. Harriet e Leonora se cumprimentaram amigavelmente.

Instantes depois a atenção de todos se voltou para a entrada, pois foi anunciada a chegada do duque de Belvoir. Harriet e a duquesa acompanharam os olhos da multidão. Todo o sangue fugiu do rosto de Harriet, ela tremia.

– Duque de Belvoir? – o barão gritou.

– Sim, tio, não se lembra dele de Nottingham?

– Não! Ele era muito jovem quando o vi pela primeira vez. Então o *bastardo* ousou-me enganar...

– Se eu fosse o lorde, eu não repetiria essa palavra – disse o duque de Pudhoe para o barão.

– Mas ele, Sua Graça, se empregou... – o barão ia falar, mas Arthur Pearl, o lorde Clifford, puxou-o para o lado discretamente. O que ele disse ao barão, não sabemos, mas o homem sossegou. Já lady Neville estava muito agitada. *Então ele a enganara, fingira-se de cocheiro para seduzi-la, para brincar com ela. Harriet já ouvira a fama daquele duque, como não ligara o nome duque de Belvoir ao nome Belvoir do cocheiro de Paris? Como fora estúpida. Nunca havia visto o duque, mas era o mesmo nome. Ele nem se dera ao trabalho de inventar outro.* Ela tremia. Sorte dela é que a atenção de todos estava voltada para ele.

Para surpresa dela, os olhos cinza e zombeteiros dele sorriam para ela e ele veio em direção da comitiva do conde de Northumberland onde ela se encontrava. Ela segurou no braço de lorde Edward como se buscasse se esconder. Seus seios estavam ocultos, como sempre, por um xale, mas mesmo assim ela teve a sensação de que o maldito olhava para eles. Ela mudou de cor de pálido para rosado.

O duque, de fato, era muito imponente. Tão alto quanto lorde Edward e tão belo quanto. Mais belo ainda, Harriet tinha que admitir. Vestindo-se todo de preto, apenas com uma camisa branca sob a casaca, ele estava estupendamente belo. Como sentiu-se pequena, gorda e peituda.

Como aquele homem, que podia escolher qualquer dama, a mais bela do mundo, pode ter qualquer interesse em mim senão o de humilhar-me? Certamente fizera alguma aposta. Os nobres adoram apostas. Deve ter apostado que veria meus seios. E os vira. Os tocara também. Estou perdida. Ele contará para todo mundo a minha vergonha.

Ela que, em alguns instantes, chegara a achar que ele os adorava de fato.

Tola.

Ele chegou ao seu grupo. Ela abaixou a cabeça envergonhada. Desejava desaparecer dali. Nunca se sentira tão humilhada.

Pela forma como o conde e o duque de Prudhoe o receberam, eram amigos de longa data. Mas todos por perto não puderam deixar de perceber que o recém-chegado olhava insistentemente para a noiva de lorde Edward, lady Neville. Ela também tentou não olhar para ele, mas foi impossível.

Vários cavalheiros tinham se aproximado da comitiva do conde, mas com a chegada do duque de Belvoir, se afastaram um pouco ofuscados pela presença grave e suntuosa do duque. Ele cumprimentou-a elegantemente e educadamente, com uma leve inclinação, e abraçou o conde de Douglas, que fez as devidas apresentações. Ela ficara sabendo que estudaram juntos em Oxford, na mesma turma de lorde Edward e do duque de Prudhoe, e que o duque de Belvoir estava há bastante tempo fora da Inglaterra, em Paris. Ele logo tirou Lady Leanah para dançar e lorde Davy convidou a estrangeira, pois esta também estava ali. Harriet percebeu que havia uma tensão entre miss Eliza e lorde Edward, pois sentia o olhar de um sobre o outro. Seu primo em seguida tirou-a para dançar, o que Harriet ficou grata.

O duque de Belvoir não se aproximou mais dela. Harriet viu que ele retirou a estrangeira Eliza para dançar e parecia encantado com ela. Aliás, ela também por ele. *Mas quem não se encantaria com tamanha beleza?* Com aquele sorriso? Harriet estava com ciúmes e furiosa. Ele a enganara.

Cansada, envergonhada e ferida ela procurara um canto para se esconder. Havia um quartinho no qual as condessas de Jersey e de Lieven usavam como escritório. Ela testou a porta. Como estava aberta, entrou e a fechou atrás de si encostando-se nela. Sozinha ela deu vazão à sua mágoa. Chorou. Seu corpo todo sacudido pela emoção. Deu um passo à frente no escuro e encontrou uma poltrona. Com o tempo, a tênue luz da lua que entrava por uma janela, clareou um pouco o ambiente. Ela rememorou os momentos passados com ele e chegou a conclusão que tudo, de fato, fora uma mentira. Havia se guardado para o homem a qual amasse. Tinha se entregado a ele, ao cocheiro que conhecera em Paris e pelo qual se apaixonara ainda lá, com convicção. Tinha lhe escolhido para ser seu primeiro. *Quase seu primeiro.* Ela estremeceu ao lembrar-se do passado. Esperava que doesse muito, pois as criadas tinham lhe dito que doía. Mas ela não sentiu nenhuma dor, só um enorme prazer. Também não tinha havido sangue como a ama de sua falecida mãe tinha lhe contado. Mas com quem poderia falar sobre isso? Ela era uma

estragada. Deformada. Nascera com aqueles enormes seios e ainda por cima não sangrara, não era virgem. Ele, certamente, tomara-a por uma vadia.

Ela ouviu a porta se abrindo e olhou para trás. O duque de Belvoir estava na porta. Como o corredor estivesse iluminado, ela o via perfeitamente. Sua enorme silhueta obstruindo a entrada. Mas ele não a via. Ficou calada, segurou até sua respiração.

– Harriet – ele a chamou naquela voz forte.

Ela não respondera.

– Eu sei que você está aí, Harriet – ele entrou e fechou a porta. Como se a enxergasse, caminhou até ela. Sentou-se ao seu lado e disse: – Não foi proposital. Tenho uma ótima explicação para tudo.

Assim que Belvoir disse aquilo, ele se lembrou de que a história da amante de Vitor Hugo não era tão *ótima* assim, mas ele não tinha outra escolha.

– Imagino que tenha mesmo – disse Harriet. Algo na voz dela o comovera.

– Tenha absoluta certeza de que não é nada do que está pensando.

– De quanto foi a aposta? – ela perguntou.

– Aposta? De que aposta está falando?

– Aposta de que veria os meus enormes...

– Pelo amor de Deus, mulher! O que está pensando? Eu os adoro, eu já lhe disse isso mil vezes.

– É um duque. É lindo. Pode ter a dama que desejar na face da terra. Jamais iria se aproximar de mim se não fosse por casa de uma aposta.

– Pare com isso imediatamente, Harriet – ele bradou, agarrando-a e trazendo-a para seu colo. – Eu a quero. Eu a desejo do jeito que você é.

E ele a beijou. O beijo foi apaixonado. Profundo. Harriet não queria corresponder, mas ele a obrigou a fazê-lo.

– Beije-me ou eu rasgarei o seu vestido e será um escândalo.

Ela, que já não precisava de incentivo, correspondeu ao beijo encostando sua língua na dele. Aquilo o inflamou de tal maneira que ele retirou o seu xale e o jogou longe. Com uma mão ele a segurava e com a outra puxou o decote do vestido para baixo soltando um dos seios do espartilho. Ele saltou para fora com uma força que surpreendeu Belvoir. Devia estar muito comprimido ali dentro.

– Por que faz isso com eles, Harriet? Por que os amassa? Eu os amo – e ele soltou o outro e os tomou com paixão. Sua língua contornando os

mamilos e sugando-os em seguida. Ele mergulhou seu rosto no vale profundo entre os seios dela e disse: – Harriet, Harriet, não existe outro lugar no mundo que eu queira estar senão aqui – sua voz estava rouca de desejo. – Eu a quero. Sente-se em mim e me cavalgue.

Harriet fez o que ele pedia. Ainda não acreditava que o duque de Belvoir a desejava, mas não tinha forças para lhe dizer não, sendo ele duque ou cocheiro, ela estava apaixonada. Seu corpo, que nunca conhecera classe social, tinha se entregado a ele antes como um simples cocheiro e entregava-se agora ao duque com a mesma volúpia.

Amaram-se intensamente.

No salão do baile, lorde Edward sentira falta da prima e do duque. Logo depois os vira juntos dançando a valsa. Ele notara que ambos se olhavam diferente. *Estaria ele vendo coisas?* A prima era o tipo de mulher que Belvoir gostava. Era voluptuosa, tinha fartos seios. Ele se recordou que certa vez na Itália, enquanto ele e Pudhoe preferiam as mulheres mais magras, jovens e belas, Belvoir sempre preferia as mais voluptuosas e as mais velhas. Certa vez eles foram comemorar alguma coisa num bordel parisiense. Ele, Pudhoe, lorde Davy tinham cada um deles escolhido uma linda cortesã, mas Belvoir preferira a dona do estabelecimento, vários anos mais velha que ele e vários pesos acima também. O duque dissera na época que Belvoir estava à procura da mãe que não tivera e todos tinham rido. Mas o que eles sabiam entre o quarteto do Norte, como eram conhecidos, é que o que lhe atraía e aos outros não atraía a Belvoir.

Belvoir dava valor a outras coisas. Havia sofrido muito na Inglaterra com o boato de que era bastardo e sua mãe havia tido muitos amantes. Uma mãe linda ele tivera. Ele se lembrava dela. Certa ocasião em que estava em Paris, ele ainda muito jovem, a condessa di Bienfait se oferecera a ele. Fora uma situação constrangedora, pois ele jamais dormiria com a mãe de um de seus melhores amigos. Como dizer isso a dama sem ofendê-la? Então optara pela saída diplomática. Fugira de Paris.

Sim, Belvoir podia estar apaixonado por sua prima. Que Deus os abençoasse.

CAPÍTULO 11

O duque de Belvoir

Londres, final de fevereiro de 1831.

– Belvoir aqui?

– Sim, milorde – respondeu Mr. Mercer.

– Que raios Belvoir está fazendo aqui essa hora da manhã? Resolveram os dois me infernizarem? – lorde Edward virou-se para o duque de Prudhoe.

– Eu tenho um palpite, mas vou deixar vocês conversarem sozinhos – disse o duque, levantando-se.

– O que eu faço? – perguntou o conde.

– Receba Belvoir, imbecil.

– Não, seu medíocre, com relação a estrangeira...

– Ah, espere notícias. Não faça nada até lá.

– Vou enlouquecer se não fizer nada.

– Então faça o que quiser, mas na Inglaterra. Ir para a Prússia vai matá-lo.

O país está em guerra – bradou o duque, saindo e batendo a porta. Lorde Edward levantou-se e foi atender o duque de Belvoir. O belo duque estava conversando com Prudhoe quando ele entrou na sala. Por alguns instantes foram os antigos colegas de Oxford. Riram e brincaram uns com os outros, mas quando Prudhoe retirou-se, lorde Edward notou que o outro estava embaraçado. – Posso saber o que faz ainda na Inglaterra e o que o trouxe à minha casa tão cedo, Belvoir? Não é nada com relação à nossa sociedade, presumo.

– Sociedade, não... quero dizer, sim, lógico, os advogados da *Norton and Flick* estão cuidando da papelada. Mas é outro assunto que me traz aqui, eu não sei como iniciar essa conversa, Northumberland.

– Hum, o assunto não seria lady Neville?

– Como sabe? – o duque parecia surpreso.

– Digamos que vocês não foram discretos.

– Você nos viu?

– Sim.

– Onde? Em Paris?

– Ah, então eu estava certo. Estiveram juntos em Paris – lorde Edward

riu.

– Não vai me desafiar para um duelo?

– Por que deveria? Deflorou minha prima e não vai se casar com ela?

– Não, quero dizer, sim...

– Deflorou a moça?

– Eu não sei. Na verdade vim para lhe perguntar se pretende cumprir a promessa de seu pai. Na verdade, eu, bem, não sei o que dizer...

– Nossa! Um cafajeste quando resolve se acertar não sabe nem como começar.

– Não sou um cafajeste, aliás, não mais que você e o Prudhoe. E se este se acertou ao lado da duquesa qualquer um pode sossegar.

– Aquele desgraçado foi enlaçado e virou um poeta romântico. Agora vai ser pai.

– Ele me disse.

Silêncio. Um olhando para o outro sem dizer uma só palavra.

– Raios, Belvoir! O que quer saber? Se eu pretendo me casar com Harriet?

– Pretende?

– Depende.

– Depende de quê, Edward?

– De quem ela vai querer. Você ou eu.

– Está brincando?

– Não. E vamos lá agora perguntar para ela.

– Deve estar louco.

– Não, apenas entediado. Quero ouvir da boca de lady Neville com quem ela deseja casar-se, com você ou comigo. Se ela escolher você, esse acordo estará quebrado e meu tio me deixará em paz.

– Ela vai me escolher – respondeu Belvoir.

– Vai? Por quê? Parece bastante seguro disso.

– Porque ela me ama.

– E você, Belvoir?

– Se eu não quisesse me casar com ela estaria aqui nessa conversa ridícula com você, Northumberland? Conhecemo-nos em Paris. Eu não sabia no início que se tratava de sua prometida. Eu também não disse quem eu era, mas essa é outra história. O que preciso saber é se eu investir em lady Neville não estarei desonrando você.

– Nunca pretendi me casar com lady Neville. Aliás, nunca me vi casado

com ela. É como uma irmã para mim.

– Isso quer dizer que a libera?

– Não posso liberar aquilo que nunca tive, mas vou conversar hoje mesmo com meu tio e dizer que não me casarei com ela. O resto é com você. Ela merece ser feliz, é uma ótima pessoa. Só estou em dúvida se você a merece.

– Deixe que ela decida isso, Edward.

– Acho que ela já decidiu – ele riu e o duque também.

– Um dia precisa me contar essa história.

– Qual história?

– A de vocês em Paris – disse lorde Edward.

– Ah, a história de um simples cocheiro parisiense e uma dama. Sim, está sendo contada agora.

BELVOIR encontrou Pudhoe na saída e perguntou se podiam ter uma conversa.

– Esclareceu as coisas com Northumberland? Não me orgulho de ter escondido dele a questão de Wilshire – disse Arthur Pearl.

– Sim, tudo às claras. Obrigado pela ajuda lá em Wilshire.

– Agradeça a Leonora. A ideia foi dela.

– Gostaria de ter uma conversa com a duquesa. Você me permite?

– O que quer com a minha mulher? Fique longe dela. Sabe que sou o maior ciumento de toda a Inglaterra.

– Pode estar junto, aliás, gostaria muito que estivesse. Preciso de um conselho.

– O que há com você e Edward? Só porque sou o mais velho dos três acham que virei conselheiro matrimonial?

– Espero que exerça seu papel de amigo mais velho – brincou Belvoir.

– Vamos lá então resolver logo isso. Tenho um assunto urgente para tratar com Northumberland, alias, quando poderei curtir a notícia de que serei pai em paz? – ambos riram.

Em Pudhoe House, a duquesa estava envolvida na causa da estrangeira. As duas tinham se tornado muito próximas. Mas assim que soube que o duque de Belvoir estava lá e queria um conselho, ela foi recebê-lo. A gravidez ainda não era aparente como Belvoir constataria.

– Sua Graça – ambos disseram ao mesmo tempo.

– Podemos nos tratar mais informalmente? – Leonora perguntou.

– Sim, chame-me de...

– De Ollie nem pensar – disse Puhhoe, rindo.

– Chame-me de Oliver, de Ashlie ou Belvoir.

– Leonora, por favor, Oliver Ashlie – a duquesa repetiu o nome dele como se saboreasse as sílabas. O duque de Pudhoe olhou-a e nos seus olhos havia um aviso. Ela riu.

– Obrigado, Leonora. O assunto que eu quero tratar é bastante constrangedor. Talvez, fosse melhor, eu falar com Pudhoe e depois ele te comunicar.

– É melhor mesmo, Belvoir. Leonora já estava de saída. Não é, querida?

A duquesa disse que sim e os deixou a sós. O assunto devia ser embaraçoso mesmo, pois ela nunca vira Belvoir tão constrangido. Estava muito curiosa, mas certamente seu marido lhe contaria à noite.

Assim que a duquesa se levantou, Belvoir foi servir-se de uma forte bebida.

– O assunto deve ser grave mesmo! Bebendo a essa hora da manhã? – disse Pudhoe.

– Sim. É. Ou não é.

– Difícil de entender – lorde Clifford respondeu, rindo, e esticando suas longas pernas.

– Eu dormi com ela em Wilshire – disse Belvoir, por fim.

– Imaginei que fizesse isso e deixei tudo pronto para que tivessem privacidade. Vai se casar com ela agora que a desonrou, não é?

– Sim, vou. Mas acho que não a desonrei.

– Não estou entendendo nada, Belvoir. Não disse que dormiu com a dama?

– Sim, dormi. Mas ela não era...

– Está querendo dizer que ela não era virgem?

– Ai que está o problema. Sabe o quanto sou traumatizado com infidelidade, sempre fugi das damas lindas por causa do assédio que elas sofrem... na verdade sem grande esforço, pois elas não me atraem, mas não quero ser um... você sabe.

– Estou pasmo. Eu nunca ouvi nada que denegrisse a imagem de lady Neville – disse Pudhoe. – Tem certeza do que está dizendo?

– Não tenho. Por isso estou aqui. Ela não sangrou, não senti seu hímen. Sabe que não sou um garoto, que já estive com centenas de mulheres, virgens

ou não.

– Sim, sei que é um homem experiente – respondeu Pudhoe, pensativo.

– Eu ouvi dizer que algumas mulheres não sangram na primeira vez... – disse Belvoir.

– Também ouvi. Nunca aconteceu comigo, mas eu já ouvi casos semelhantes. Inclusive tem aquele caso do visconde de Beauchamp. Ele se casou e, como a lady não sangrou, ele a devolveu ao seu pai. Mas pode acontecer sim, da dama ser virgem e não sentir dor e nem sangrar. Por que não conversa com ela?

– Não quero ofendê-la. Temo feri-la.

– Está apaixonado por ela, não está?

– Acha que me casaria se não estivesse?

– Sei que não. Olha, Belvoir, eu não queria estar em sua pele. Que maldição! Por que logo com você foi acontecer isso?

Pudhoe olhou para Belvoir e percebeu que mexera em terra movediça. Tratou de emendar a frase: – Vou conversar com Leonora e propor a ela que tente ouvir algo da própria lady. Se isso de fato ocorreu, essa questão de não ter sangrado, nem sentido dor... a própria moça deve estar apavorada.

– Se, de fato, foi a sua primeira vez, sim. Senão...

– Bem, Leonora é muito perspicaz. Conhece a sua história e saberá o que fazer para tirar a verdade de lady Neville. Mas preciso saber de uma coisa: se você não tiver sido o primeiro, Belvoir, não se casará com ela?

– Eu me casarei com ela de qualquer jeito, Pudhoe. Mas me tranquilizaria se eu soubesse que ela não é uma devassa.

– Devassa, ela não é. Posso te garantir. Pode até ter chegado até você desonrada, mas deve ter sido uma única vez e ela também terá uma ótima explicação para isso.

CAPÍTULO 12

Uma visita ao Warrens

Harriet não tinha dormido bem à noite. Seus pensamentos estavam em algo que ela precisava esclarecer. Após o desjejum ela saíra escondida de sua irmã e pegara um coche de aluguel com destino ao hotel Warrens. Precisava conversar com Belvoir. Na recepção informaram que o duque se encontrava em sua suíte e que seria avisado de que lady Neville o aguardava na recepção. Em minutos ele estava ao seu lado.

– Harriet! Aconteceu alguma coisa? Eu não a esperava aqui.

– Fiz mal em vir?

– Não, de forma alguma. Vamos conversar lá em cima. Onde está sua acompanhante?

– Vim sozinha – ela respondeu e os olhos dele brilharam.

Subiram as escadas com olhos curiosos observando-os. Belvoir não se preocupou, pois se casaria com ela em breve. No quarto ele a beijou, mas observou que ela estava tensa.

– O que foi, querida? Qual o problema?

– Eu não posso me casar com você... – ela falou e imediatamente ficou vermelha. Harriet lembrou que o cocheiro a havia pedido em casamento, mas o duque não.

– Perdão. Como fui inocente. Milorde não me pediu...

– Não me chame de milorde, Harriet. Eu a pedi em casamento, sim. Sou o mesmo Belvoir e a adoro – ele a beijou novamente. Seu corpo a queria desesperadamente.

– Não. Agora não. Preciso falar.

– Falar o quê?

– Você sabe...por favor, me ajude, não torne as coisas mais difíceis para mim.

– Quem foi o primeiro? – ele foi direto ao assunto.

– Você soube, então?

Ele balançou a cabeça concordando.

– E mesmo assim quis se casar comigo?

– Quero – ele respondeu. – Sei que deve ter uma boa explicação para tudo.

Ela balançou a cabeça. Mas não falou. Parecia rememorar fatos dolorosos.

Por fim, ele a tomou nos braços, sentou com ela em seu colo.

– Conte-me tudo, Harriet. Confie em mim. Nada mudará o que eu sinto por você.

– Eu era criança ainda... morava perto de Alnwick Castle...gostava de brincar com os filhos dos arrendatários do conde de Northumberland. Existia uma menina, Amy, ela era um pouco mais velha que eu e linda. Era filha de um cavaliço. Éramos amigas, embora minha tia baronesa a odiasse. Uma vez eu fugi para dormir em seu chalé. Eu tinha curiosidade...

Ela interrompeu sua história. Uma lágrima rolou por sua face. O coração de Belvoir se contraiu de dor por ela. Ele levou o dedo à sua face e a secou. Depois beijou por onde a lágrima passara com muita ternura.

– Continue, meu amor. Conte-me tudo.

– Meu tio, o barão de Patchetts, era louco por ela. Vivia assediando-a. Hoje eu sei disso, mas na época eu não entendia. Eu devia ter uns nove para 10 anos. Naquela noite tinha ocorrido um incêndio no celeiro e todos os homens tinham ido para lá para conter a chama, menos meu tio...de forma que eu e Amy ficamos sozinhas. A porta devia estar aberta...

Belvoir já compreendera tudo. Um ódio tomou conta dele, mas não podia dar vazão ao sentimento, Harriet precisava dele. Ele a abraçou forte, deitou-a em seu ombro e a consolou como se consolasse uma criança. Quando ela tinha chorado tudo que precisava chorar, ela concluiu: – Eu estava dormindo. Acordei com um homem cheirando mal sobre mim. Ele estava bêbado... senti uma dor imensa, tentei gritar, mas ele tapou a minha boca e... me violentou.

– Meu Deus! – Belvoir conseguiu dizer. Harriet se agarrava a ele como se dependesse dele para viver. Belvoir tentava controlar a fúria que se abatera sobre ele.

– Maldito desgraçado! Eu o mataria se ainda estivesse vivo. Que o diabo trate com ele! Meu amor! Harriet, meu amor. Eu a amo, Harriet.

Ela o olhou. Parecia surpresa.

– Ama-me? Não me acha suja, impura?

– De forma alguma, meu amor! – a ternura na voz dele foi um bálsamo para o coração ferido de Harriet. Aquele homem era seu remédio. Havia lhe curado do complexo pelos seus seios e curava-lhe agora da vergonha pela sua desonra.

– Nunca contei isso para ninguém, a não ser Amy que viu tudo. Ela ficou em choque. Mas ela nunca contou nada para ninguém, eu sei. Ele, como se castigado, morreu poucos dias depois.

– Que o diabo o leve – bradou Belvoir, levantando-se e socando a parede.

– Meu amor – disse Harriet. – Não se fira por causa dele – ela beijava a mão machucada. – Eu o amo! Eu o amo mais que a minha própria vida. Obrigada por me aceitar maculada.

– Maculada? Que culpa teve você, meu amor? Foi uma vítima daquele mostro. Meu Deus! Como a amo! Se fosse possível te amar mais do que eu já te amava, eu diria que te amo mais agora que sei de tudo.

E ele a levou para cama e a amou devagar, com ternura, beijando-a em cada parte de seu corpo, como se seus beijos pudessem tirar todas as marcas da violência que ela sofrera no passado.

LADY Neville e o Oliver *Ashlie* Stanhope, o duque de Belvoir, casaram-se nesta manhã. De *St. George Church*, o casal foi direto para Dover. Pernoitariam lá e no outro dia cedo tomariam o navio para Calais, e depois Paris. A duquesa de Belvoir estava muito feliz, a moça outrora apagada resplandecia de felicidade. Seus olhos brilhavam. Nos seus lábios, um sorriso resplandecia. O duque, por sua vez, olhava para ela com imenso amor. Ele amava aquela mulher. Amara desde a primeira vez que ouvira a sua voz de dentro daquela carruagem capotada ao lado do Sena. Uma voz doce, que saía de um corpo que ele agora se deleitava com suas curvas.

Morariam em Paris. Belvoir queria ficar distante da baronesa viúva de Patchetts, caso contrário descontraria nela o ódio que nutria pelo seu morto marido.

Naquela noite eles teriam um jantar na casa do conde Filippo Raspail. O lorde tinha lhe escrito, pois tinha esbarrado numa jovem pelas ruas de Paris. Belvoir ainda não sabia nada sobre ela, mas o coração do conde fora mexido. Vinha mais um romance por aí, ele sabia.

FIM

LEIA TAMBÉM

Fronteira da paz O quarto livro da série O Quarteto do Norte

Lady Leanah sempre fora a boa moça. Fazia tudo o que se esperava de uma dama. Manteve-se pura à espera de seu príncipe, o cavaleiro que ela sempre amara, lorde Robert Percy, o irmão mais novo do conde de Northumberland, Edward Percy. Quando, finalmente, já com 23 anos, está prestes a realizar o seu sonho e casar-se por amor, Robert se casa às pressas com sua antiga prometida, Charlotte Mortimer, uma prima por parte de mãe, e a abandona. Decidida a se vingar, lady Leanah se aproxima de Elizabeth Douglas, uma cortesã regenerada, e implora para que a ensine a deixar todos os homens aos seus pés.

Quando o bom moço lorde Robert Percy, finalmente, recebera a aprovação do conde seu irmão, Edward Percy, para se casar com a linda lady Leanah, a irmã do conde de Douglas, da ancestral família inimiga dos Percy Northumberland, ele cai numa armadilha preparada por lorde Mortimer e tem, por honra, que se casar com sua prima Charlotte. Entretanto, jurou jamais tocar um só dedo nela. Afinal, como dissera o tio, ele já não a tinha deflorado? Cansado de ser o bom homem, o lorde se torna um dos maiores perversos da Europa e, para sair de Londres, a exemplo de seu pai, ele parte para a Índia. Quando na guerra de Folly de Auckland, ao lado de lorde Palmerston, ele entra em combate, a única pessoa que não esperava encontrar naquele lugar e, ainda por cima num bordel, era Leanah. O que, por Deus, ela estaria fazendo ali?!

Obrigada a se casar com o primo lorde Robert Percy, Charlotte Mortimer foge logo após o casamento. Seu próprio pai, por causa de dinheiro, conspirara para que aquela união acontecesse. Embarcada num navio com destino à América do Sul, com um nome falso, ela sofre um naufrágio fraudulento e é resgatada por um desconhecido. Sem se recordar quem é, apaixona-se pelo capitão do navio, um homem enigmático, com aparência celta, que a toma como mulher.

Um histórico romance sobre a vida das cortesãs inglesas e o império britânico e seus laços pelo mundo.

Leia o primeiro capítulo:

Prólogo *Inglaterra, Londres, ano de 1837.*

Montado *O'Doherty*, um enorme alazão de pelo liso, lorde Robert Percy era a fusão perfeita com o animal, cujo nome gaélico *Ó Dochartaigh* significava ‘o destruidor’. Ele não lhe dera esse nome por acaso. O animal era mesmo feroz, o mais ágil entre todos os cavalos dos estábulos das muitas propriedades do clã Percy, uma nobre família ancestral do Norte da Inglaterra.

Naquele dia, o estado de espírito do lorde era tão avassalador quanto *O'Doherty*. Tinha saído de *Northumberland House*, a mansão da família em Londres, havia duas horas e não tinha reduzido a marcha um só instante. O cavalo já espumava, dava sinais de extremo cansaço, mas sua revolta não tinha arrefecido nenhum milímetro. Seus olhos verdes estavam escuros, quase como uma floresta fechada em um país tropical, uma fenda de ódio, e seu corpo jogado para frente, numa posição de ataque, demonstrava toda a fúria que carregava na alma.

Seu destino era o Sul, Hampshire, a vila de Otterbourne, mais especificamente *Border Peace Park*, um lugar de profundo simbolismo para ele e para toda sua família, pois o nome fora dado por um parente medieval, Sir Henry Percy Hotspur, o segundo conde de Northumberland.

A propriedade, uma “fronteira da paz” como dizia seu nome, depois de ter passado para as mãos de terceiros, tinha sido recomprada por lorde Robert séculos após a medieval *Batalha de Otterbourne*, travada por aquele seu ancestral. Tal conflito, extremamente sangrento, ocorrera em agosto de 1388, no Norte da Inglaterra, entre o exército de Sir Henry Percy e as tropas escocesas do conde de Douglas, lorde James, que o atacara após interpretar uma caçada liderada pelo nobre inglês na fronteira como uma invasão às suas terras na Escócia. A verdade, entretanto, era outra. Havia guerreado em disputa do amor de uma mulher, com quem ambos queriam se casar. Vencedor, Sir Henry Percy construíra *Border Peace Park*, onde passara a viver com sua amada. Mas essa era uma história do passado.

No presente, *Border Peace Park* era a moradia de lorde Robert e o lugar especial para onde ele sempre planejava viver com a dama que escolheria como esposa. Mas tudo dera errado. Muito errado. O que o deixava tão furioso quanto era comum ao seu folclórico e temido ancestral.

NACIONAIS-ACHERON

Lorde Robert era o único irmão de Edward Percy, o nono conde de Northumberland, que, assim como o segundo conde, era conhecido por todos como “conde Hotspur”. Todavia, essa característica imperiosa parecia permear todos os homens do clã. Naquele momento, também lorde Robert estava totalmente tomado pelo ímpeto da destruição.

Os clãs Percy Northumberland, Neville e Mortimer havia gerações casavam entre si, uma tradição medieval para fortalecer as famílias que chegara ao século dezenove. Seu irmão Edward também fora ‘prometido’ pelo pai a uma Neville, lady Harriet, mas conseguira fugir dessa obrigação, isso porque a prima apaixonou-se e logrou se casar com outro. Robert, contudo, não tivera a mesma sorte.

O pai, antes de morrer, havia negociado o seu casamento com Charlotte Mortimer, lady cuja mãe fora sua tia, uma Neville. Pessoalmente, nunca pretendia cumprir tal promessa. Seu pai, afinal, fora um nobre cuja palavra não merecia ser cumprida.

– Preciso parar, senão vou matar *O'Doherty* – disse para si mesmo, pensativamente. – Não é meu animal que desejo matar.

Com 28 anos, lorde Robert sonhava se casar com lady Leanah Douglas, a irmã do conde de Douglas, o clã inimigo histórico dos Percy Northumberland. Sir Edward Percy e lorde Davy Douglas, eternos desafetos, finalmente haviam concordado com a união, na esteira de um processo de extinção da rixa secular entre as duas famílias em curso.

Lorde Robert não se perdoava pelo que lhe tinha acontecido. *Por que eu não imaginei coisa semelhante? A notícia de que eu e Leanah íamos ficar noivos estava de boca em boca em Londres. Era previsível que eles fizessem algo.*

Tudo acontecera de repente. Ele havia recebido uma carta do tio, na qual lorde Mortimer o convidava para um encontro na sua casa para tratar de negócios envolvendo a *Rapallini Maritime Trade*, empresa da qual ele detinha ações, juntamente com o irmão Edward e os duques de Prudhoe e de Belvoir, cuja frota de navios fazia diversas rotas em toda a Europa e até a Índia.

Entretanto, ao chegar à casa, no horário combinado, não encontrara o tio. Já estava indo embora quando uma ama começara a gritar dizendo que Charlotte, a *maldita* prometida, estava tendo um ataque qualquer. Não entendeu bem do que se tratava, pois a mulher gritava de forma histérica. Ele nem pensou duas vezes. Subiu as escadas de três em três degraus e entrou no

quarto da prima. Encontrou-a completamente nua deitada na cama. Nesse exato instante, lorde Mortimer, o *maldito* tio, surgiu às suas costas. Não lhe restara saída senão aceitar se casar imediatamente com uma dama que desprezava.

LADY Leanah Douglas nascera em *Dalkeith Castle*, na Escócia, e era a única filha de Thomas Douglas. Sua mãe morrera quando ela nascera e seu pai também falecera anos mais tarde. Assim, sempre morara com o irmão Davy, o conde de Douglas. Mas logo descobrira que ele não era quem ela sempre imaginara. Havia pouco tempo ele tinha-se envolvido em jogatina e perdido toda a fortuna da família. Vivia da herança que usurpara de uma prima, Eliza, neta do único irmão de seu pai, Sir Hugh Douglas, que fora expulso da família por se ter casado com uma dama pobre. Quando o duque de Pudhoe descobriu toda a trapaça, lorde Davy fugiu deixando-a sem nada. Ficou cheia de credores e socialmente desmoralizada.

Lady Leanah sempre fora a boa moça. Fazia tudo o que se esperava de uma dama. Desde muito jovem, ainda com 15 anos, era apaixonada por lorde Robert Percy, o irmão mais moço do conde de Northumberland, Edward Percy, maior inimigo de seu irmão Davy. Mas, por muitos anos, lorde Robert a tratara como se ela fosse invisível. Embora ela já fosse considerada bela, ele não lhe demonstrava qualquer interesse. Quando completara 18 anos, porém, passara a enxergá-la e se tornara extremamente gentil com ela. Mas Leanah achava que ele não a via como mulher, pois suas ações indicavam apenas cordialidade. Nos bailes, nos jantares dançantes, às vezes ele a tirava para dançar. Mas enquanto ela ardia de paixão por dentro, lorde Robert demonstrava que, por ser ela uma Douglas, jamais poderiam ter qualquer envolvimento amoroso.

Certa ocasião, na casa do duque de Pudhoe, época em que ela já tinha 23 anos e já havia dito ‘não’ a muitos pretendentes, mantendo-se à espera do seu grande amor, lorde Edward Percy dissera para quem quisesse ouvir que um Percy Northumberland jamais de casaria com uma Douglas. Perto deles, ouvira tudo. Uma situação extremamente constrangedora, pois todos os presentes olharam em sua direção, inclusive lorde Robert. Mas, pela primeira vez, Leanah sentira os olhos dele presos aos dela. O que ele vira além de todo o seu constrangimento? Amor. Daquele dia em diante tudo mudaria entre

eles.

Preparava-se, então, após ser considerada por todos como uma solteirona, para realizar seu grande sonho. Repentinamente, porém, lorde Robert Percy se casava às pressas com sua antiga ‘prometida’, prima por parte de mãe.

Sentia-se totalmente perdida. Não tinha mais dinheiro e nem casa. Por causa das dívidas, em um mês ela teria que entregar *Douglas House* para seu novo dono. O que faria? Nunca trabalhara na vida, não sabia fazer nada. Na mente angustiada de Leanah o lorde tinha feito aquilo para fugir da promessa de se casar com uma dama cuja vergonha alcançara. *Ele não podia ter feito isso comigo. Por que me beijou e me acariciou daquela forma, então? Disse que se casaria comigo e agora... E que culpa tenho eu das ações de Davy?*

Lady Elizabeth Douglas, a filha do tio que fora exilado por sua família, era a sua única esperança. Se tivesse sorte, a cortesã regenerada lhe ensinaria a se vingar. E ela teria como sobreviver.

CHARLOTTE Mortimer acordara bem cedo com a sensação de que fora espancada. A última coisa da qual se lembrava era que sua ama havia-lhe dado um chá muito amargo, que, segundo dissera, afinaria sua cintura. Sua cintura continuava a mesma, mas sua cabeça parecia ter aumentado cinquenta vezes de tamanho.

Ao chegar à sala para o desjejum, o pai lhe comunicara que ela fora desonrada pelo seu primo, lorde Robert Percy, e que eles tinham que se casar.

– Desonrada? Como? Não vejo lorde Robert há meses. Não acha que se eu tivesse sido desonrada eu não me lembraria? – ela reagiu. Charlotte se lembrou da esplêndida aparência do alto primo de olhos tão verdes que mais pareciam uma floresta fechada. O jovem tinha puxado à mãe, era o que diziam. Tinha a pele morena, porém clara, fartos cabelos negros e conseguia ser tão ou mais belo que o irmão conde. Ela levou um susto quando seu pai bradou: – Você é uma desavergonhada. Eu o peguei em seu quarto ontem à noite e você estava nua na cama.

– Eu?! Nua?! Impossível! – ela estranhou. Lembrou-se, então, do chá. – Onde está a Mary? – gritou enfurecida.

– Demitiu-se – gritou o pai em resposta. E emendou: – Não era para menos. Que ama vai querer trabalhar para uma devassa como você?

Pela primeira vez na vida, Charlotte, aos 22 anos, não sabia o que dizer.

Sempre fora uma pessoa comunicativa, e que gostava de dar a última palavra. Mas ali, naquele momento, emudeceu. Compreendia tudo. O próprio pai criara uma armadilha para ela e o primo. *Coitado do Robert!*

Os desdobramentos da ‘violação’ de lorde Robert se precipitaram como uma grossa enxurrada de lama morro abaixo. Um clérigo foi trazido às pressas a *Casa Mortimer*. Robert chegou e sequer olhou para Charlotte. Balbuciaram os votos, ambos de cabeça baixa, ela cheia de hematomas, olhos inchados de tanto chorar, pois o pai havia-lhe dado uma surra quando se rebelara dizendo que não se casaria à força.

Enfim, era uma legalmente dama casada. Mas sabia que continuaria virgem. E, além disso, sozinha.

Logo após a breve cerimônia, quando lorde Robert fez menção de ir embora, o tio sogro indagou se ele não subiria ao quarto da esposa. A resposta que Charlotte ouvira dele, naquele momento, continuava latente em sua memória: – Juro pela minha vida jamais tocar um só dedo nela. Afinal, já não a deflorei?

E assim, sem mais nada dizer, ele se fora.

CONHEÇA AS SINOPSES DOS DEMAIS LIVROS DA SÉRIE

A Estrangeira O primeiro livro da série Quarteto do Norte.

No século XIX, o conde de Northumberland, um dos descendentes de Sir Percy, um cavaleiro medieval envolvido na Batalha de Otterbourne, travava uma luta bem menos sangrenta. Obrigado por honra a se casar com uma prima por quem ele não nutria nenhuma simpatia, ele se depara com uma misteriosa recém-chegada às imediações de Alnwick. A misteriosa estrangeira, vestida à moda de vinte anos atrás, mexe com a imaginação de todo o condado e, principalmente, com a vida do conde. Pouco se sabe sobre a moça, apenas que é metade inglesa e metade prussiana. Com apenas alguns Shillings e um cão, que apareceu sem ser convidado, a vida de Eliza se cruza com a do conde Hotspur, o cavaleiro que herdara de seu antepassado, além do apelido, o ímpeto e a beleza. Entretanto, fala-se no condado que o clã Northumberland, além de ter a estranha tradição de casar-se com primos, no passado casava-se com seus próprios irmãos. O encontro entre o conde Hotspur e a pobre dama vai desenterrar antigas contendas: ela querendo se esconder e ele desvendar o passado.

Inspirado na Batalha real de Otterbourne, *A Estrangeira* narra duas histórias ao mesmo tempo. Embora intercaladas por 442 anos, a primeira influenciará a segunda: o amor proibido de Sir Percy Hotspur por Miss Evans, e o envolvimento do conde Hotspur, com Eliza. Ambas cheias de mistério, mas desconcertantemente belas.

A Ama Inglesa A ama inglesa O segundo livro da série O Quarteto do Norte

Desde pequena, a menina Leonora se perguntava por que sua mãe sabia

NACIONAIS-ACHERON

ler e escrever em dois idiomas e o pai sequer sabia ler em um deles. Instruída pela mãe francesa, a filha de um simples cuidador de cavalos muito cedo se vê sozinha no mundo, à mercê de uma tia autoritária e de um padrasto violador. Um encontro na infância provoca uma reviravolta em sua vida e ela vai trabalhar como ama da duquesa viúva de Pudhoe, uma dama autoritária, mas que a respeitava. Entretanto, quando lady Muriel Browne chega de Londres para passar uma temporada em *Pudhoe Castle*, no Norte da Inglaterra, tudo à sua volta muda. Leonora começa a ser destrutada pela duquesa e até pelos outros servos, até então seu amigos.

Numa noite gelada em Newcastle, sem ter para onde ir, ela acaba se abrigando no celeiro, aconchegada à vaca da duquesa, para não morrer de frio. Ali ela é acordada brutalmente pelo capataz da propriedade e amparada por aquele cuja imagem permeara seus pensamentos durante cinco longos anos, o poderoso duque de Pudhoe, conhecido em toda a Europa por *Lorde Perverso*. Mas Leonora não o via assim. Pelo contrário. Achara-o caridoso. Afinal, se não fosse por ele, certamente não teria sobrevivido àquela noite.

ENCONTRE A AUTORA

Chirlei Wandekoken é jornalista, coordena a área editorial da Pedrazul Editora, a qual foi idealizadora juntamente com seus sócios. É apaixonada pelos livros desde criança e, atualmente, a sua preferência literária, além dos clássicos ingleses, são os romances contemporâneos de época e os históricos. Além de *A Estrangeira*, o primeiro livro da série independente *O Quarteto do Norte*, é dela também os demais livros da série: *A Ama Inglesa*, *Um Cocheiro em Paris* e *Fronteira da Paz*. A autora possui mais dois romances publicados, ambos contemporâneos, cujos enredos se passam no Brasil: *Por Trás da Escuridão* e *O Vento de Piedade*.

Facebook: Chirlei Wandekoken e-mail: chirleischumacher@gmail.com

[1] ELIOT, George, *Daniel Deronda*.

[2] WILDE, Oscar, adaptado.

[3] ALMEIDA, Julia Lopes, adaptado.

[4] Trechos inspirados na história real da *Condessa di Castiglione (1837–1899)*.

[5] Jogo de cartas.